

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
Área de Linguística Aplicada

**NEOLOGISMOS LEXICAIS EM GÊNERO TEXTUAL EMERGENTE:
análise de textos veiculados no Facebook**

Renise Cristina Santos

Belo Horizonte
2013

Renise Cristina Santos

Neologismos lexicais em gênero textual emergente:
análise de textos veiculados no Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Ensino de português

Orientador: Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz

Belo Horizonte
2013

S237n

Santos, Renise Cristina.

Neologismos lexicais em gênero textual emergente [manuscrito] : análise de textos veiculados no Facebook / Renise Cristina Santos . – 2013.

116 f., enc. : il., graf., color., tabs., p&b.

Orientadora: Aderlande Pereira Ferraz.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino do Português.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 87-92..

Anexos: f. 93-116.

1. Língua portuguesa – Neologismos – Teses. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 3. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 4. Redes sociais on-line – Teses. 5. Mudanças linguísticas – Teses. I. Ferraz, Aderlande Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.24



FOLHA DE APROVAÇÃO

**NEOLOGISMOS LEXICAIS EM GÊNERO TEXTUAL EMERGENTE:
análise de textos veiculados no Facebook**

RENISE CRISTINA SANTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Linha H - Estudos da Tradução.

Aprovada em 05 de agosto de 2013, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Aderlande Pereira Ferraz - Orientador
UFMG


Prof(a). Elis de Almeida Cardoso Caretta
USP


Prof(a). Evelyne Jeanne Andree Angele Madeleine Dogliani
UFMG

Belo Horizonte, 5 de agosto de 2013.

Agradecimentos

A Deus, antes de tudo.

A meu marido, pela paciência.

A pequena Alice, por alegrar os meus dias com seu sorriso sincero.

A meus pais, pela força e presteza a todo instante.

A minha irmã, pelo companheirismo e auxílio constante.

A meus irmãos, pela liberdade a mim permitida.

A meu orientador, Aderlande, pela confiança e pelos puxões de orelha valiosos.

A CAPES/REUNI, pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Aos colegas mestrandos, pelas confidências trocadas.

A meus cães, pela tranquilidade e companhia.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo.

Luis Fernando Veríssimo

RESUMO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, visa destacar, por meio dos textos emergentes presentes na rede social Facebook, a importância dos processos de formação de palavras para o ensino de língua portuguesa, bem como evidenciar a criação de palavras novas como situação recorrente nesse ambiente virtual. Para tanto, procurou-se caracterizar os textos virtuais emergentes e também o emprego linguístico ali adotado. Em seguida, apresentou-se uma descrição do Facebook, identificando, de modo geral, como é o funcionamento desta rede social, os seus usuários e o tipo de uso que estes fazem da língua portuguesa quando conectados à rede. Segue-se a isso uma abordagem sobre as transformações que as tecnologias midiáticas geram na sociedade e de que maneira tais transformações sociais motivam variações linguísticas. O objetivo central da pesquisa foi identificar e descrever os neologismos presentes nas mensagens escritas no ambiente do Facebook para, a partir da análise e classificação das unidades neológicas, refletir sobre o seu impacto no ensino de língua portuguesa. Para a delimitação da palavra neológica, adotou-se o critério lexicográfico, de registro dicionarístico, considerando como neologismo o item lexical que ainda não foi dicionarizado. Com a realização da pesquisa, foi possível verificar que, na rede social Facebook, há ocorrência de variados tipos de formação de palavras novas e que, entre os neologismos, o tipo mais frequente é aquele formado por variação gráfica. Assim, buscou-se também fazer uma reflexão sobre a importância dos neologismos na sala de aula de língua portuguesa, considerando os gêneros virtuais emergentes como material a ser aproveitado no ensino de língua materna.

Palavras-Chave: Gêneros virtuais emergentes. Neologismo. Língua materna. Competência lexical.

ABSTRACT

This qualitative-type research aims at highlighting, based on emerging texts found in the social net Facebook, the importance of the word-formation processes to the teaching of the Portuguese language and at confirming the creation of new words as a recurring condition on the virtual environment. To do so, the research characterizes the emerging virtual texts and the use of the language in such environments. After that, it describes Facebook and analyses the social net and how its members use the Portuguese language when connected. Following that, there is an approach to the transformations created by media technologies on society and how such social changes stimulate linguistic variations. The central purpose of this research is to identify and describe the neologisms found in the messages written on Facebook in order to, from an analysis and classification of these units, think about the impact they create in the teaching of the Portuguese language. The lexicographic principle of the dictionary register was used to delimit the neologisms. On this perspective, a neologism is a lexical item which is still not found in the dictionary. With this research it was possible to verify that there are numerous methods of word-formation on Facebook and that the graphic variation is the most frequent kind. Hence, it was also made a reflection about the importance of the neologisms on Portuguese language classroom considering the emerging virtual genres as a tool to be used in the teaching of the mother tongue.

Keywords: Emerging virtual genres. Neologism. Mother tongue. Lexical competence.

LISTA DE TABELA E QUADROS

Tabela 1 - Classificação geral dos neologismos.....	51
Tabela 2 - Neologismos por quantidade.....	62
Tabela 3 - Glossário exemplar de neologismos	71
Gráfico 1- Tipologia geral dos neologismos	63
Gráfico 2 - Divisão dos neologismos formais	63

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Neologismo gráfico - ênfase	66
Figura 2 - Neologismo gráfico - emoção por escrito	67
Figura 3 - Neologismo gráfico – brevidade	67
Figura 4 - Neologismo gráfico – trocadilho	68
Figura 5 - Neologismo - formal por sufixação.....	69
Figura 6 - Neologismo semântico.....	69
Figura 7 - Neologismo - estrangeirismo.....	70
Figura 8 - Neologismo formal - lexical onomatopaico	70
Figura 9 - Exemplo variantes linguísticas na língua escrita	77
Figura 10 - Exemplo 1: afixos	79
Figura 11 - Exemplo 2: afixos	79
Figura 12 – Neologismos fonológico	81
Figura 13 - Exemplo 1: neologismos semânticos.....	82
Figura 14 - Exemplo 2: neologismos semânticos.....	82
Figura 15 - Estrangeirismos 1.....	83
Figura 16 - Estrangeirismos 2.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 GÊNEROS VIRTUAIS EMERGENTES.....	14
1.1 Revendo os gêneros virtuais emergentes	14
1.2 Os gêneros virtuais no Facebook	19
1.2.1 <i>O Facebook</i>	21
1.2.2 <i>A linguagem do Facebook</i>	24
2 NEOLOGISMOS NA INTERNET.....	29
2.1 A internet e os sites de relacionamento.....	29
2.2 O léxico e o Facebook.....	33
2.3 Formação de neologismos na internet	39
2.4 Os neologismos “facebookianos”	42
3 REDES SOCIAIS E NOVOS VOCÁBULOS	45
3.1 Sobre os neologismos coletados.....	45
3.2 Classificação neológica	48
3.3. Considerações sobre os neologismos no Facebook	64
4 PERSPECTIVAS ESCOLARES.....	74
4.1 Das perspectivas	76
4.1.1 <i>Modalidade escrita do português brasileiro</i>	76
4.1.2 <i>Neologismos por derivação afixal</i>	78
4.1.3 <i>Neologismo fonológico na rede social</i>	80
4.1.4 <i>Neologismos semânticos</i>	81
4.1.5 <i>Estrangeirismos</i>	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
BIBLIOGRAFIA	87
ANEXOS	93

INTRODUÇÃO

“A palavra é a pedra de toque da linguagem humana.”

Maria Tereza Camargo Biderman (1998, p. 81)

Desde a invenção do computador, a vida humana foi sendo facilitada e ganhando contornos mais avançados e tecnológicos. O acesso à informação tornou-se mais fácil e muitas atividades humanas começaram a ser executadas em menos tempo. Aos poucos, novas formas de pensar, de escrever, de lidar com a tecnologia foram se instaurando. Essa era, denominada era digital ou era da informação, embora não seja antiga, já se fixou em nossa sociedade, estando hoje muito presente em nossa vida, como se sempre tivesse sido assim. Por causa disso é que as ferramentas tecnológicas em geral que hoje usamos, como os celulares, as máquinas fotográficas digitais, os acessórios eletrônicos – notebook, ultrabooks, tablets, smartphones, caixas eletrônicos e muitos outros – parece que nos são imprescindíveis.

Como se não bastasse, essa era tecnológica que nos afeta está presente não apenas nos equipamentos que usamos, mas também no ambiente em que estamos, seja ele físico ou virtual¹. Com toda a tecnologia empregada na era da informação, foi possível também estabelecer uma comunicação mais rápida, superando qualquer distância física entre as pessoas. Entramos, pois, na era da globalização, na era da internet. E numa época em que a globalização é algo inerente às sociedades, bem como ao modo de vida das pessoas de maneira geral, a internet foi se tornando cada vez mais uma forma de comunicação acessível e indispensável a todos. Mesmo sabendo que essa tecnologia, principalmente em se tratando da

¹ Usaremos a definição de Lévy (1999, p. 42), em que virtual designa aquilo que de fato existe, mas não tem um ponto geográfico fixo, é algo sem território:

A palavra "virtual" pode ser entendida em ao menos três sentidos: o primeiro, técnico, ligado à informática, um segundo corrente e um terceiro filosófico. (...). Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato (...) Mas no uso corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade — enquanto a "realidade" pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. A expressão "realidade virtual" soa então como um oxímoro, um passe de mágica misterioso. Em geral acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. (...) É virtual toda entidade "desterritorializada", capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. Repetindo, ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. Uma palavra existe de fato. O virtual existe. (LÉVY, 1999, p. 42)

realidade brasileira, ainda não é de fácil acesso a toda a população, é sabido que aqueles que já a conhecem – e às vezes até os que não a conhecem – acabam se vendo obrigados a lidar com ela, seja por razões pessoais, profissionais, acadêmicas etc. Essa situação nos leva a pensar que estar em contato com o mundo virtual é hoje, para muitos, mais do que um desejo, mas uma necessidade, embora o inverso seja também algo bastante comum, uma vez os vários recursos de que a internet dispõe nos faz enxergar neles novas possibilidades de lidar com a máquina, o computador. Dentre essas possibilidades, pode-se dizer, estão a comunicação virtual, a socialização, a linguagem peculiar do ambiente em rede, os diversos textos e modos de leitura disponíveis.

Diante disso, a internet – como uma rede de comunicação de grande utilidade para diversos tipos de trabalho ou estudo, por meio da qual as pessoas de diversas cidades, estados ou países se comunicam com rapidez e com mais naturalidade –, tem proporcionado as condições para novos usos da língua. Daí nasce então o internetês, um estilo comunicativo comum ao ambiente virtual, que, na maioria das vezes, é menos preso a normas gramaticais, principalmente de ortografia, e possibilita algumas transformações e criações na língua escrita, como os neologismos gráficos.

Desse modo, é importante também que se entenda que a escrita dentro dos gêneros virtuais se dá de modo diferente da escrita tradicionalmente impressa sobre papel. Isso quer dizer que nos gêneros virtuais emergentes, a escrita é, além de dinâmica, instantânea e colaborativa, o que nos leva a perceber um texto sendo escrito de um autor para outro autor, e este outro colaborará – se for do interesse dele – com essa escrita inserindo nela o seu próprio texto. Em outras palavras, a situação de escrita a que nos vemos virtualmente inseridos, nos leva à situação de produção de hipertextos, na qual há uma mistura de vozes e de modos de leitura, pois se possibilita a concomitância de leituras verbais, imagéticas e sonoras ao mesmo tempo e a partir de qualquer ponto do texto. Pode-se, por isso, iniciar a leitura do início, do fim ou do meio, bem como da direita ou da esquerda de uma dada página virtual. Pode-se, também, não ler a página inteira e seguir a leitura de um link. Pode-se, ainda, escrever formal ou informalmente, com ou sem abreviaturas, bem como se pode ler o texto desta ou daquela pessoa e ainda se pode optar se se vai escrever algo ou não.

Assim, para entender então a linguagem da internet e as possibilidades de variação na língua – as inovações na escrita e nas palavras propriamente ditas, os neologismos –, dentro dos gêneros virtuais, é preciso focar em um suporte comunicativo da língua escrita no ambiente virtual que permita um uso mais dinâmico, instantâneo, natural do falante/escritor em sua comunicação. Ou seja, o internetês e os neologismos que ele possibilita podem ser,

provavelmente, encontrados com mais facilidade nas redes sociais, pois essas são “pontos de encontro” entre usuários da língua, os quais se disponibilizam a trocar dados entre si, a se socializar por meio da internet, utilizando, quase sempre, uma linguagem mais solta, pois, na maioria dos casos, tais usuários não precisam se policiar linguisticamente, uma vez que, de modo geral, estão escrevendo para os próprios colegas e em um português sem rebuscamentos e sem a necessidade de todas as regras normativas, defendidas e exigidas pela Gramática Tradicional.

Diante dessa situação, os textos produzidos no ambiente virtual das redes sociais serão, em sua maioria, textos autênticos, textos naturais. Isto é, textos em que seus produtores utilizam uma língua natural em sua comunicação, pois o contexto sócio-comunicativo em que se encontram inseridos possibilita e permite essa produção textual mais livre. É provável, portanto, que nesse universo linguístico e tecnológico das redes sociais, longe das imposições gramaticais e da norma culta, se vá encontrar um grande número de alterações e usos da língua portuguesa, e, entre essas construções da língua escrita, encontraremos marcas de língua culta, de língua oral, de regionalismos, de marcadores conversacionais, de gírias, de expressões idiomáticas, de ditos populares, de língua estrangeira e até mesmo de neologismos lexicais.

Como dito anteriormente, os gêneros virtuais e as possibilidades comunicativas do mundo digital, principalmente o das redes sociais, são mais flexíveis no que diz respeito à comunicação formal, o que tende a encorajar o usuário da língua a fazer um uso linguístico menos contido e mais natural. Desse modo, é importante que os gêneros virtuais e sua influência na vida das pessoas sejam analisados para que se possa pensar em como a comunicação linguística e suas invenções e reinvenções ocorrem e transformam a escrita e a comunicação de modo geral.

Novas palavras podem, por isso, aparecer com mais força em textos naturais, mesmo que a inovação ocorra apenas no modo de grafar e não no sentido. Essa situação permite-nos dizer que o fenômeno linguístico-digital com o qual nos deparamos é algo que vem acompanhando as transformações tecnológicas e perpassando por outras esferas da sociedade, como a social, a cultural e também a comunicacional. Afinal, se a língua é algo em constante movimento, alterações sociais afetam a própria língua, o léxico de um dado grupo social e o modo de utilizar essa língua.

1 GÊNEROS VIRTUAIS EMERGENTES

As tecnologias que movem o homem e que promovem o desenvolvimento social, cultural e econômico do mundo.

Antônio Carlos Xavier (2011, p.31)

Discutir os gêneros textuais é algo que tem sido feito por vários estudiosos, muitas vezes com o intuito de tentar padronizar determinados modelos de textos. Contudo, como se não bastasse essa discussão, há que se levar também em consideração, nos dias de hoje, outras modalidades de gêneros de texto: aqueles que circulam em ambientes virtuais. É preciso considerá-los, pois, mesmo sendo uma modalidade de gênero textual, eles têm configurações diferentes dos gêneros impressos e orais.

1.1 Revendo os gêneros virtuais emergentes

Os estudos sobre os gêneros textuais, de modo geral, tentam enquadrá-los e tipificá-los em categorias sócio-comunicativas, de modo que se torne fácil para um aluno, um professor ou um estudioso ou curioso a respeito do tema reconhecer um dado gênero em contextos diversos. Por causa disso, nos é muito fácil distinguir um bilhete de geladeira de um telegrama, uma receita culinária de uma fotografia, uma agenda de uma bula de remédio e tantos outros gêneros.

Contudo, a sociedade muda, as atividades humanas também, e, do mesmo modo, a linguagem, as necessidades do homem e, por que não, os textos e gêneros textuais também sofrem alterações. Afinal,

os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2002, p. 19)

Essa situação nos faz perceber que os gêneros textuais não são fixos e, por isso, não são sempre facilmente classificáveis. Assim, o “(...) crescimento da tecnologia computacional permite o surgimento de novos gêneros textuais, a adaptação de alguns e a evolução de muitos outros”, conforme aponta Almeida Filho (2011, p. 44). O mesmo ponto de vista também é endossado por Araújo (2007, p. 9), ao dizer que “(...) a Internet gera novas formas de usar a linguagem, suscitando novos gêneros, inclusive inimagináveis até a sua criação”. Devido a isso, novas maneiras de produzir textos e novos contextos comunicativos, principalmente os digitais, têm gerado arranjos textuais de difícil definição, os quais têm sido chamados de gêneros virtuais emergentes.

Como são textos razoavelmente recentes – desde o início do uso do computador e da internet, a qual, no Brasil, começa a se desenvolver a partir da década de 80, no século XX, mas só ganha popularidade e acessibilidade de fato no fim da década de 90 (GUIZZO, 1999) – os gêneros textuais que agora emergem na sociedade ganham força na rede digital, alcançam vários usuários da língua e inibem definições precisas que tentam enquadrá-los em tipologias prontas. É, novamente, Marcuschi quem aborda essa situação:

(...) embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sociocomunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente. (MARCUSCHI, 2002, p. 21)

Desse modo, pela emergência do gênero virtual e pela necessidade do uso, vários pesquisadores tentam apontar caminhos para se estudar essas novas modalidades textuais. A partir disso, dentre as principais definições dos gêneros virtuais que surgem está a de hipertextos, ou seja, texto normalmente reconhecidos por estar no ambiente digital e por ter características comuns do meio virtual. Porém só essa visão sobre o hipertexto não basta para tentar denominá-lo e enquadrá-lo em um perfil mais preciso.

Devido a isso, muitos estudiosos têm discutido essa temática, porém Gomes (2010, p. 20) ressalta:

(...) quando procuramos entender o que é o hipertexto, encontramos certa confusão - e até uma mistura - de suas particularidades linguísticas com sua usabilidade, de sua produção (design) com sua recepção (leitura e construção de sentidos). Compreendo que todos esses enfoques se complementam e se inter-relacionam, porém, creio que é necessário entender melhor o hipertexto como objeto de estudo da linguística, sua produção e recepção e sua usabilidade, esta relacionada ao hipertexto enquanto produto tecnológico.

E é exatamente tentar entender essa modalidade textual dentro da área da linguística que nos propomos a fazer aqui. Contudo, não nos deteremos em discutir o que é um hipertexto, nem tampouco encontrar uma definição precisa para os gêneros virtuais emergentes. Mesmo porque, se tais textos são hoje vistos como emergentes, isso é um indício de que ainda não há consenso sobre sua classificação por parte dos estudiosos, já que, além de a elaboração desses modelos textuais ser algo de certa forma recente, os textos virtuais são também mesclas de diferentes gêneros, o que os torna, portanto, de difícil definição.

Vale lembrar, ainda, que a simples classificação dos gêneros virtuais como hipertextos é tida como controversa por diferentes pesquisadores. De modo geral, o hipertexto é uma modalidade textual que mescla várias facetas, como a possibilidade de diversas leituras ao mesmo tempo, e de qualquer ponto do texto – do começo, do meio, do fim – ou a partir de chamadas visuais distintas – das imagens, dos diferentes tipos de letras, das legendas, dos gráficos – enfim, um texto que não obrigue o leitor a ter uma leitura sequencial, linear, mas uma leitura que mais o interesse. Assim, no texto digital:

A escrita eletrônica, marcada pela possibilidade de conexões imediatas entre blocos de significados interligados em um vasto banco de dados, constitui uma nova forma de textualidade que altera significativamente o significado do ato de ler e dos conceitos de autor e leitor. O que caracteriza formalmente essa nova forma de textualidade é o que se poderia chamar de paradigma de rede mais ou menos aberta, em contraste com o paradigma da linha. Em uma rede, um ponto liga-se a outro não em termos de horizontalidade da linha e da progressão de começo, meio e fim. Liga-se, antes horizontal e verticalmente a todos os outros pontos da rede, em uma estrutura marcada pela conectividade, pela descentralização e pela dispersão. (BELLEI, 2005, p. 499)

Porém, para alguns pesquisadores, os gêneros virtuais seriam, pois, um máximo exemplo de hipertexto, uma vez que permitem ao leitor ler primeiramente o título de um texto, ou uma imagem, ou um vídeo, ou ainda um desenho, ou seguir direto para um link que a página virtual o direcionará se ele clicar em tal link. Nessa visão, diz Xavier (2007, p. 202) que o hipertexto é “(...) uma tecnologia enunciativa em que não apenas a linguagem verbal produz sentido, mas as linguagens visual e sonora também contribuem para tal. Cabe ao usuário jogar com as diversas linguagens, para delas extrair significação que satisfaça seu objetivo.” Ainda, para esse autor (2007, p. 202), essa ideia se sintetiza em:

<p>Texto + imagem + som = Hipertexto → modo de enunciação digital</p>

Ou seja, o hipertexto seria uma mescla de possibilidades de modos de leitura no ambiente digital, ou, também de acordo com Xavier (2004, p. 171), uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

Contudo, o que alguns estudiosos do assunto questionam principalmente é o fato de ser falha a classificação do hipertexto como um texto tipicamente digital. Ora, se se considera hipertexto um modelo de produção e leitura textual que ocorrem de várias formas simultâneas, as quais dependem do interesse do leitor, então um texto que seja impresso é também hipertextual. Isso porque se pode iniciar a leitura de onde se achar mais proveitoso, ou de onde houver mais interesse por parte do leitor. Essa situação nos induz a perceber que o que se pode fazer nos textos digitais é também possível num texto impresso.

O estudioso Pierre Lévy já nos adianta esse raciocínio, ao comparar o suporte de texto digital com o não digital:

(...) o suporte digital traz uma diferença considerável em relação aos hipertextos que antecedem a informática: a pesquisa nos sumários, o uso dos instrumentos de orientação, a passagem de um nó a outro são feitos, no computador, com grande rapidez, da ordem de alguns segundos. Por outro lado, a digitalização permite a associação na mesma mídia e a mixagem precisa de sons, imagens e textos. De acordo com esta primeira abordagem, o hipertexto digital seria definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e "intuitiva". Em relação às técnicas anteriores de ajuda à leitura, a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor. (LÉVY, 1999, p. 51)

Desse modo, um leitor, diante de um texto em papel, pode, perfeitamente, ir direto para as últimas páginas do livro ou jornal, pode ler primeiro as figuras, pode saltar para a legenda ou gráfico existentes sem ler partes ou todo o texto impresso. Pode, inclusive, prestar atenção em uma música, se, por ventura, este leitor estiver diante de livros infantis – ou algum outro tipo de leitura – que trazem embutidos uma música ao se acionar determinado dispositivo presente no livro / texto. Desse modo, autores como Coscarelli afirmam:

Precisamos lembrar que a multimodalidade é, há muitos anos, parte de nossos textos, como no cinema, nas revistas, jornais, cartazes, convites, cartões, livros ilustrados, entre outros. Talvez a diferença seja a de que agora é mais fácil as pessoas também produzirem esses textos multimodais, que podem ser impressos ou disponibilizados na Internet (sites, Orkut, Youtube, blogs, entre outros). COSCARELLI (2009, p. 552-553)

Diante de apontamentos distintos sobre hipertexto, o que se pretende aqui é focar a discussão sobre o gênero de texto que ocorre em ambientes virtuais, não tentando defini-lo tipologicamente, mas analisá-lo pensando em sua utilidade e contribuição em uma perspectiva linguística.

Para isso, no entanto, foi preciso evidenciar as principais discussões de categorização desse gênero para que pudéssemos apresentar uma linha de pensamento que esteja adequada aos moldes de análise desta pesquisa. Assim, o hipertexto permite uma gama de possibilidades de leitura, de interpretação e de perspectivas linguísticas. Entretanto, essas possibilidades também existem nos gêneros textuais mais tradicionais, pois também neles há interpretações diferentes, bem como leituras e variações linguísticas que se moldam a um determinado modelo de texto ou de interlocutor.

O que mais difere, no entanto, os gêneros virtuais dos gêneros textuais já consagrados – e aí estão principalmente os textos impressos – parecem ser a instantaneidade comunicativa, o que muitas vezes se faz sem a preocupação com a disciplina de correção gramatical, e também a pluralidade explícita de autores para o mesmo texto ao mesmo tempo:

A nova escrita hipertextual ou multimídia certamente estará mais próxima da montagem de um espetáculo do que da redação clássica, na qual o autor apenas se preocupava com a coerência de um texto linear e estático. Ela irá exigir *equipes* de autores, um verdadeiro trabalho coletivo. Pensemos, por exemplo, em todas as competências necessárias para a realização de uma enciclopédia interativa em CD-ROM, desde a *expertise* nos diferentes domínios que a enciclopédia abrange até os conhecimentos especializados na informática, passando por esta arte nova da "diagramação de tela" interativa. (LÉVY, 1993, p. 66)

Vale dizer, então, que a tarefa de denominar o que vem a ser um gênero virtual não nos compete. No entanto, a instantaneidade e a coautoria são características presentes nesse modelo de texto, as quais já podemos afirmar como elementos-chave para o que chamamos de gênero virtual emergente.

De qualquer maneira, contudo, o uso específico da língua presente nos meios digitais é que será nosso enfoque, haja vista que a principal forma de interação entre os usuários ocorre pelo viés da língua escrita. Afinal,

(...) os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual *sociedade da informação*, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. (MARCURSCHI, 2005, p. 13)

Desse modo, a pesquisa que aqui se constrói se direcionará em relação aos gêneros de textos presentes nos ambientes virtuais – mais especificamente as redes sociais, neste caso, o Facebook – enfocando apenas o seu aspecto linguístico. Isso porque a internet permite uma comunicação escrita diferente da tradicional, mas com marcas bem definidas:

A comunicação na Internet é constituída por novas estruturas textuais, com novos elementos, que, se quiserem, podem conter, além de palavras, imagens e sons. Essa sistemática implica uma modificação tanto no modo de escrita como no de leitura de textos que se encontram na Internet, marcados muitas vezes pela agilidade e pelo uso de regras próprias. (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 48)

Assim, ater-se-á à perspectiva de como a língua ali empregada se processa, bem como de que maneira ela se forma e se transforma diante dos vários usos e construções linguísticas que o ambiente digital proporciona ao internauta da rede social em questão.

1.2 Os gêneros virtuais no Facebook

As redes sociais são, de modo geral, um canal comunicativo entre pessoas que se conhecem ou que querem se conhecer. Normalmente, essas pessoas se conectam por terem interesses comuns, criando laços de amizade, mas, às vezes, gerando conflitos entre si:

Uma comunidade virtual (aqui também entendida como rede social) pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de não presente, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. (LÉVY, 1996, p. 20)

Dessa maneira, as redes sociais são um meio de os indivíduos se socializarem e de se estruturarem como uma corrente, como um conjunto de elos, como um conjunto de ligações entre si.

Uma rede social, por si, já é uma metáfora estrutural. Quando focamos um determinado grupo como uma “rede”, estamos analisando sua estrutura. De um lado, estão os nós (ou nodos). De outro, as arestas ou conexões. Enquanto os nós são geralmente apresentados pelos atores envolvidos e suas representações na internet (por exemplo, um blog pode representar um ator), as conexões são mais plurais em seu entendimento. É possível compreendê-las, essas conexões, como as interações que são construídas entre os atores (por exemplos, os comentários em um blog e as

mensagens trocadas no *Twitter*) e como aquelas que são proporcionadas e mantidas pelo sistema (por exemplo “adicionar” alguém na sua lista de seguidores do *Twitter* ou “adicionar” um amigo no *Orkut*). (FRAGOSO et al., 2011, p. 115-116)

Nota-se que ambos os casos de conexão citados por Fragoso et al. (2011) estão presentes nas redes sociais de modo geral, já que ocorrem interações entre os atores² quando os usuários comentam o que foi postado por outros usuários e também pelo fato de esses usuários poderem “aceitar” ou não um dado indivíduo como amigo e/ou como pertencente a seu círculo sócio-virtual de amizades.

Essa situação, portanto, nos mostra e exemplifica a ideia de “rede”, de ligações, que as redes sociais têm. Ou seja, as pessoas as usam para, de fato, terem uma rede, terem um conjunto de nós, de ligações entre outras pessoas. Entretanto, os motivos que fazem com que a rede se mantenha são os mais diversos e variam, portanto, de pessoa para pessoa, mas sempre têm um cunho social. Alguns motivos são estreitar laços de amizade, encontrar pessoas com objetivos comuns, tratar sobre assuntos profissionais, discutir sobre perspectivas escolares e acadêmicas, conversar sobre temas gerais e de entretenimento, procurar um laço afetivo e várias outras funções. Afinal,

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Com o correio (ou a escrita em geral), chegamos a ter uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e à distância. Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. O que nos conduz diretamente à virtualização das organizações que, com a ajuda das ferramentas da cibercultura, tornam-se cada vez menos dependentes de lugares determinados, de horários e trabalho fixos e de planejamentos a longo prazo. (LÉVY, 1999, p. 44)

Contudo, mesmo muitas das relações do ciberespaço sendo criadas em espaços geográficos diferentes, o que as une é o fato de haver objetivos específicos e comuns entre os usuários, como postagem de fotos, discussão de focos de trabalho, compartilhamento de leituras etc. E tudo isso acontece naturalmente porque as redes sociais são manifestações principalmente linguísticas, o que facilita a comunicação e o entendimento entre os integrantes das redes e permite que a língua ali empregada possa se adequar a cada usuário, já que os públicos são diversos e a rede social não exige uma modalidade específica da língua.

² Atores aqui são entendidos como grupos de pessoas normalmente com os mesmos propósitos.

“Dizendo de outra maneira, a tecnologia potencializa ações abstratas dos sujeitos garantindo mais rapidez, eficiência e abrangência no tempo em que seus beneficiários se encontram real e/ou virtualmente.” (XAVIER, 2011, p. 31)

Quanto ao uso das tecnologias como ferramenta de comunicação, e em especial à Internet, podem-se constatar mudanças na forma de leitura, assim como na de aprendizagem das pessoas. Essas, por sua vez, têm a internet como um novo campo linguístico, o qual permeia suas relações sociais e culturais, como cita Almeida Filho (2011, p. 44)

Potencialmente, a Internet permitiu a qualquer usuário conhecer tudo e interagir com todos, através de ambientes coletivos que reúnem inúmeros usuários independentemente da localidade. As interações no campo virtual possibilitaram assim a ampliação dos contatos que dificilmente seriam travados no mundo físico. Essa reconfiguração consolidou um processo de construção cultural e social baseado nas novas tecnologias, trazendo como questão importante a influência da tecnologia na mediação das relações pessoais.

Devido à grande diversidade de usos e de usuários desses sites de relacionamento, uma miscelânea de gêneros textuais e de objetivos distintos por parte dos usuários se mesclam em meio à rede e tornam o gênero de texto virtual bastante complexo, fazendo com que:

De modo consciente ou não, os sujeitos, quando se encontram e se comunicam, contagiam-se, em alguma medida, uns aos outros. Assim podemos afirmar que a retórica³ constitui o uso da língua em quaisquer gêneros textuais e digitais ancorados nos mais diferentes suportes sejam novos ou antigos. (XAVIER, 2011, p. 42)

Por causa disso, é necessário que se discuta um pouco sobre a rede social Facebook para se entender melhor como ela é programada e como ocorre o seu uso por parte dos usuários.

1.2.1 O Facebook

Antes de as redes sociais existirem, o mais comum de se encontrar, como canal de comunicação via computador, eram as chamadas “comunidades virtuais”, as quais podem ser assim entendidas em sua formação:

³ Retórica é aqui entendida como um modo próprio de organizar a linguagem nas telas e nos dispositivos digitais. (XAVIER, 2011, p. 30)

(...) os elementos formadores da comunidade virtual seriam: as discussões públicas; as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda, mantêm contato através da Internet (para levar adiante a discussão); o tempo; e o sentimento. (...) A comunidade virtual é, assim, um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, que permaneçam um tempo suficiente para que elas possam constituir um corpo organizado, através da comunicação mediada por computador. (RECUERO, 2005, p. 13)

Contudo, com as transformações nos usos da rede digital, as comunidades virtuais foram sofrendo mudanças e deram lugar às redes sociais. E, na visão de Recuero (2005, p. 13-14), “a diferença básica é que as redes seriam montadas pelas ações (escolhas, intenções) dos atores sociais. Isso implicaria (sic) nos laços sociais serem mais seletivos, formados de acordo com os interesses das pessoas”. Isto é, nas redes sociais, os envolvidos no processo comunicativo escolhem mais seletivamente se vão participar ou não da rede e se vão ou não discutir um assunto, uma foto, um texto, uma mensagem em grupo etc, estreitando mais a intimidade da relação. Desse modo, os laços sociais formados são pautados de acordo com os interesses dos envolvidos. Por isso é que Wasserman & Faust (1994, p. 20), em seus estudos acerca do tema, afirmam que “Uma rede social consiste em um conjunto finito ou conjuntos de atores mais a relação ou relações definidas sobre estes.”⁴ E por haver uma similaridade de interesses entre os envolvidos em uma rede de conexões virtuais é que Carvalho (2013, p. 81) ressalta:

Os sites de relacionamento congregam pessoas, que criam perfis virtuais para si mesmas, nos quais acrescentam informações a seu respeito, como interesses pessoais e profissionais, vídeos, fotos, mensagens e textos de várias naturezas. Nas redes, as pessoas agrupam-se de acordo com seus interesses em comum. Desse modo, esse tipo de site atua como representação virtual dos relacionamentos entre os seres humanos, em seu mundo real. E em sua condição de representação, as redes encerram várias diferenças no que diz respeito ao universo das relações não virtuais humanas, gerando mudanças nos modos de interação através dos textos e dos discursos.

Em relação ao Facebook, essas relações entre os usuários, já definidos por Wasserman & Faust (1994), como atores – aqui entendidos como pessoas ou entidades com objetivos e/ou ideias comuns – no Brasil, embora finitas, são muito extensas, isto é, com um grande número de participantes envolvidos.

Isso porque o site de relacionamentos Facebook, em seus 8 (oito) anos de existência, obteve um crescimento muito grande de usuários brasileiros há cerca de 3 (três) anos,

⁴ Tradução nossa. No original: “A social network consists of a finite set or sets of actors⁴ and the relation or relations defined on them.”

aproximadamente. Criado com objetivos primeiramente acadêmicos, o site era restrito à universidade de Harvard, mas, aos poucos, foi alcançando outras instituições de ensino e, posteriormente, a população de modo geral, chegando a cerca de 800 milhões de usuários no mundo todo e sendo considerada a maior de todas as redes sociais. (A HISTÓRIA, 2012)

No Brasil, o país de maior número de usuários da rede, o público que lê e escreve no Facebook é bem diversificado e faz uso também diversificado do site. Assim, as maneiras de escrever e de usar a língua são também variadas, pois os assuntos, os níveis educacionais, as faixas etárias, o sexo, os objetivos e interlocutores são sempre diversos, tornando o gênero virtual presente na rede social em questão, ou os vários gêneros ali existentes, um texto multimodal, heterogêneo, multilinguístico e polifônico.

Porém, não é qualquer pessoa que tem acesso ao site, pois, embora seja uma página pública e usada para fins, muitas vezes, também públicos, para participar do mundo do Facebook, é preciso abrir uma conta nesta rede social, bastando, para isso, possuir um endereço de e-mail válido. Inserido na realidade dessa rede de relacionamentos, é possível, ao usuário, restringir determinadas funções e acessos de outros usuários a seus dados e permitir que apenas pessoas que ele conheça possam entrar em sua página. Ou seja, o usuário precisa dominar habilidades básicas de segurança na internet para tentar evitar que seus dados sejam usados com facilidade por qualquer outro indivíduo que participe do Facebook.

Contudo, como muitas pessoas não sabem ou não fazem questão de saber como proteger suas informações pessoais, bem como não se policiam quanto ao que vão publicar na rede, muitos fatos que seriam de ordem sigilosa se tornam de conhecimento de todos em questão de segundos. Afinal, nas redes de relacionamento de modo geral, além de haver os *hackers* de plantão, os quais estão sempre aptos a utilizar dados que não lhes pertencem para fins normalmente ilícitos ou imorais, há conexões entre várias pessoas, desde as que o próprio usuário cria entre si, até as que os amigos desse usuário criam entre eles.

Isso quer dizer que determinadas informações que são postadas por um navegador do Facebook são passadas para os amigos de um determinado usuário que, se quiser, pode repassá-las a outros amigos, e assim, as informações se tornam instantâneas e a utilização desse universo comunicativo cada vez mais perigosa:

Ao compartilhar uma notícia, o dono de um perfil divulga a informação para seus “amigos” que compõem sua rede de relacionamento. Desse modo, como um filtro, a rede espalha informação para destinatários/receptores ligados entre si digital e socialmente, transformando os próprios destinatários em enunciadores, pois eles repassam a informação produzida pelos locutores socialmente autorizados. (CARVALHO, 2013, p. 85)

Dessa maneira, as postagens dos usuários se espalham, uma vez que cada receptor possui redes distintas de conexões de amigos, os quais podem ou não agir de boa fé.

Além disso, nem sempre é preciso ser amigo de um usuário ou ainda amigo de um amigo de um usuário para adentrar no universo público, mas ao mesmo tempo privado, do Facebook de uma determinada pessoa. Essa situação ocorre porque algumas pessoas, propositalmente ou não, não restringem o acesso a sua página, o que pode ser feito pelo próprio Facebook, na guia “configurações de conta” e, devido a isso, têm seus perfis bisbilhotados por qualquer usuário mundial dessa rede de relacionamentos.

Desse modo, cabe ao usuário atentar para o que pretende publicar em sua página, pois, por mais proteção que ele configure em seu perfil virtual, a internet de modo geral permite várias lacunas que podem possibilitar uma invasão de privacidade. Vale lembrar que, às vezes, uma exposição de um dado aparentemente pessoal é disponibilizada pelo próprio usuário detentor desse dado, o que pode comprometê-lo sem que ele mesmo perceba. Afinal, a internet e a rede social são recursos de uso público e, por isso, é necessário verificar se uma publicação pessoal pode ou deve mesmo ser exposta, afinal, a vida virtual é também algo público, e, por mais privativa que se deseje configurá-la, não se deve esquecer que o que está na rede, mesmo em uma página pessoal de alguém, deixa de ser algo puramente pessoal para, em certa medida, ser também algo de interesse coletivo.

1.2.2 A linguagem do Facebook

Apesar dos perigos presentes no Facebook, os quais estão de modo geral relacionados a problemas comuns ao universo digital, algo que se sobressai e que pode ser visto em uma perspectiva de criatividade é o fato de a comunicação linguística nessa rede social se mostrar sempre espontânea. Isso ocorre porque a variedade linguística ali utilizada é compartilhada, quase sempre, entre pessoas que são próximas entre si, que têm algum assunto ou particularidade em comum. Assim, nos dizeres de Carvalho (2013, p. 84), “(...) é possível perceber que as redes proporcionam uma aproximação entre o enunciador e o receptor da mensagem pela natureza dos relacionamentos nas redes sociais”, fato esse que permite uma originalidade linguística e um texto mais enxuto e mais despojado da disciplina gramatical.

Por causa disso, e considerando que a escrita é uma maneira de manter a comunicação entre as pessoas e, ainda, que essa prática requer um uso social da língua que esteja de acordo

com a situação comunicativa entre os envolvidos, adequar-se a tal situação é uma mostra da competência lexical do falante/escritor. Isso porque o usuário da língua, para ser aceito e/ou se manter em um dado meio social, precisa conhecer as “regras do jogo” daquele meio para não correr o risco de ser banido do grupo social de que faz ou de que pretende fazer parte. Desse modo, conhecer essas “regras do jogo” é algo extremamente importante para não se correr o risco de ficar sem entender como se processa a linguagem utilizada em tal jogo, bem como de que maneira o jogo em si acontece.

Nesse sentido, o jogo a que nos referimos é o jogo da língua e, mais especificamente, o jogo da língua escrita presente na rede social Facebook. Nesse contexto virtual, tem-se um uso mais flexível da língua que permite, com mais dinamismo e instantaneidade, a utilização de associações e criações lexicais que se mostram como novas palavras, sejam essas inovadoras na grafia, no sentido, na sintaxe ou até mesmo no idioma, haja vista que é comum também a utilização de muitas palavras estrangeiras ou mesmo aportuguesadas nessas redes.

Apesar dessas construções na rede digital demonstrarem ser positivas para o crescimento da língua, ainda há perspectivas contrárias que devem ser combatidas, pois essas

Visões mais pessimistas alardeiam os “malefícios” do chamado “internetês”, visto como um caminho para a perda da competência comunicativa escrita por parte das camadas mais jovens da população. Essas visões alarmistas desconsideram um conjunto de estudo que mostra que hoje os jovens escrevem bem mais fora de sala de aula, ou que o meio digital oferece caminhos produtivos para a melhoria das práticas pedagógicas. (GOMES, 2010, p. 12)

Assim, não obstante o pessimismo de alguns diante da escrita virtual, é possível e necessário perceber a criação de novas palavras que surgem no universo digital, e mais especificamente na comunidade virtual Facebook, como uma mostra da vivacidade e riqueza da língua, afinal “(...) uma das provas de vitalidade de uma língua é a sua capacidade de gerar novas palavras. A criação de novas palavras e a reutilização de palavras já existentes a partir de novos significados constituem, portanto, um processo geral de desenvolvimento do léxico de uma língua.” (FERRAZ, 2006, p.219)

Diante disso, no ambiente virtual do Facebook, a língua se processa e se recria constantemente, uma vez que os usuários dessa rede se mostram à vontade para escreverem o que pensam e o que querem sem muitas preocupações especificamente linguísticas ou normativo-gramaticais. E, embora seja sabido que a língua é um meio de comunicação em constante transformação, o que torna esse discurso às vezes repetitivo, essa realidade é possível de se constatar no Facebook, o que nos faz afirmar ser a língua realmente uma fonte

contínua de inesgotáveis recursos de expressão, pois ela faculta a manifestação da criatividade do falante na diversidade de usos possíveis. Como bem afirma Ferraz (2006, p. 219), “a língua que não se atualiza acompanhando a atualização da sociedade corre o risco de desaparecer por estagnação” e este não é, definitivamente, o caso da língua portuguesa.

Diante disso, tem-se, na rede social em questão, um campo comunicativo, tecnológico e linguístico muito acessado e reconhecido por grupos de distintos usuários. Assim, certamente, tem-se como resultado uma fusão linguística bastante grande e que possibilita de fato uma transformação e recriação do uso da língua, bem como permite novas associações do seu contexto de uso e da competência lexical requerida para essa habilidade comunicativa e linguística que emerge entre os gêneros virtuais.

É através dos meios de comunicação de massa, de obras literárias e, sobretudo, no uso dos Chats e Bate-papos bem como de todos os gêneros emergentes que os neologismos recém criados têm oportunidades de serem conhecidos e, acompanhando a evolução tecnológica, serem também rapidamente difundidos e assimilados como padrão de uma específica comunidade linguística. (VELAME, 2008, p. 32-33)

Isto posto, cabe afirmar que o meio virtual, com suas possibilidades de escrita e suas peculiaridades linguísticas, permite o surgimento de uma versatilidade da língua portuguesa e, nesse caso, facilita a criação de neologismos. Esses, por sua vez, são uma mostra da competência lexical do falante, já que, ao criar uma unidade lexical nova, o sujeito está demonstrando sua capacidade de compreender e de usar as palavras dentro dos conhecimentos morfossintáticos e sociais que ele possui da língua e dentro das relações que um item lexical estabelece com outro para fazer sentido (FERRAZ, 2008, p. 147). Essa situação explica, dessa forma, a importância do uso de novas formas lexicais na comunicação virtual e na transformação da língua portuguesa de modo geral.

Ainda, em relação à competência lexical, mais especificamente aquela presente no universo digital, o que se tem visto, vale lembrar, é um recurso tecnológico – o computador, a internet, os sites de relacionamento, nesse caso, o Facebook – sendo utilizado para fins comunicativos, os quais, obviamente, fazem uso da linguagem, principalmente a escrita. Assim, “o que temos o privilégio de presenciar não é o surgimento de uma máquina de escrever sofisticada, mas sim, de uma tecnologia que vem instaurando novas formas de comunicação e o aperfeiçoamento das já existentes.” (SANTOS *apud* COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 152) Ou seja, os recursos digitais de fato propiciam uma mudança na língua, seja com a criação de novos vocábulos, seja com adaptações dos vocábulos já

existentes. No caso do Facebook, não temos um mero recurso digital, mas uma rede de relacionamentos que, por sua vez, faz uso da escrita para se manifestar e para mostrar a movimentação natural da língua. E, nessa rede contatos, como os usuários se conhecem, o ambiente sócio-comunicativo permite que cada um faça uso de seu repertório linguístico particular, o que resulta em uma facilidade maior de variação linguística:

(...) cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social. Por isso, sabemos que a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório linguístico. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49)

Assim, se os recursos tecno-digitais vêm ganhando espaço social e linguístico, não faz sentido, no que diz respeito ao uso da língua, ignorá-los. Esses recursos contribuem para a variação da língua, evidenciando a competência linguística do falante e, sob essa perspectiva, são relevantes para se avaliar a habilidade comunicativa e linguística do usuário da língua portuguesa.

Nesse aspecto, portanto, os elementos lexicais novos, criados no âmbito digital – aqui especificamente aqueles encontrados no Facebook – se mostram um considerável material para ser analisado e discutido, considerando a perspectiva da variação social da língua bem como do ensino e estudo de língua materna.

Assim, como dizem Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 25-27) aproveitar o que ela – a área virtual – tem a oferecer e a acrescentar ao estudo da língua portuguesa, principalmente, quando se ensina aos jovens, parece ser uma alternativa cabível e construtiva para se aprender a lidar com a linguagem e com a língua. Também Moran diz:

Com a Internet e a fantástica evolução tecnológica, podemos aprender de muitas formas, em lugares diferentes, de formas diferentes. A sociedade como um todo é um espaço privilegiado de aprendizagem. Mas ainda é a escola a organizadora e certificadora principal do processo de ensino-aprendizagem. (MORAN, 2004, p. 1).

Nesse sentido, é comum nos depararmos com usuários da língua fazendo transformações nela, como o uso de palavras advindas do mundo digital, porém inexistentes – não registradas – em corpora de grande prestígio social, como os dicionários, os vocabulários ortográficos oficiais etc. Essa situação, no entanto, não faz desse usuário um alienado em relação à língua, mas, de certa forma, um aproveitador dos recursos que esta lhe apresenta, e a internet facilita-lhe esse contato linguístico:

Na escrita, sob a revolução midiática, nunca se escreveu tanto. Ao menos por enquanto, internet para o jovem é rede social, uma maneira de conversar com os outros, de mostrar-se e de ver o que acontece. As pessoas querem cultivar amigos. Com isso, há uma oralidade sendo transmitida à escrita. Há os neologismos da internet e há os da fala cotidiana. (PEREIRA JÚNIOR, 2010)

Diante dessa realidade, portanto, percebe-se a constante variação da língua, o que nos induz a uma constante busca de novas abordagens, dadas as variadas circunstâncias de uso que a língua portuguesa nos oferece.

2 NEOLOGISMOS NA INTERNET

“O léxico (...) absorve imediatamente a evolução de uma sociedade.”

Aderlande Pereira Ferraz (2010, p. 251)

A internet, espaço onde encontramos diversos recursos inovadores nas maneiras de lidar com um texto – instantaneidade comunicativa, compartilhamento de informações, facilidade de interação, públicos diversos, autorias de pessoas anônimas, textos em coautoria – está permitindo, cada vez mais, que tenhamos também inovações no modo de usar a modalidade escrita de nossa língua. Assim, um universo de novas palavras ou de novas formas de grafias tem ganhado destaque na língua portuguesa do Brasil. São, pois, os neologismos, principalmente os neologismos gráficos, se fazendo mais presentes na língua digital do Brasil.

2.1 A internet e os sites de relacionamento

Com o uso cada vez mais frequente da internet, os sites de relacionamento – as chamadas redes sociais – vêm ganhando espaços maiores no dia a dia das pessoas. Como já dissemos, esses sites permitem entretenimento, amizades, cultura, informações e vários outros benefícios e facilidades a seus usuários. Em nosso estudo, o Facebook é o site de relacionamento discutido pelo fato de ele ser um dos mais conhecidos e visitados pela população brasileira, o que nos permite dizer que a troca de dados linguísticos ali presentes é bem grande e contínua, pois, de modo geral, os usuários ficam online por uma boa parte de seu tempo – já é sabido que jovens entre 12 e 17 anos, principalmente, são os que permanecem mais tempo conectados à internet, e o Brasil, comparado com outros 10 (dez) países, está em primeiro lugar nesse ranking. (TUDO, 2009). Dessa maneira, a escolha da referida rede social demonstra ser, no Brasil, uma rica fonte de dados e fatos linguísticos atuais, haja vista a sua intensa procura pelos internautas brasileiros.

Há que se ressaltar também que, em plena era digital, as práticas de produção escrita tendem a se diferenciarem um pouco da prática tradicional, afinal, ao lidar com uma nova

maneira de escrever e de dialogar com o texto e com o outro que o lê, o usuário da língua e também do computador acaba adquirindo, com essa mistura de práticas sociais, outras posturas diante do como utilizar a língua escrita por meio do universo virtual, como é apontado por Soares:

(...) a tela como espaço de escrita e de leitura traz, não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. (SOARES, 2002, p. 152)

Isso quer dizer que a vida tecnológica a que estamos tendo acesso nos possibilita e ao mesmo tempo nos obriga a criar novas técnicas e novos comportamentos diante das máquinas, do interlocutor e da língua. Afinal, com a rede social, as pessoas se interagem por meio dos laços sociais já existentes em suas relações fora do mundo virtual, ou até mesmo por meio de laços criados virtualmente. Assim, o elo entre os atores dessa peça é a própria ligação, a própria conexão entre eles, como já afirmaram Wasserman & Faust (1994, p. 18): “⁵(...) atores estão ligados a outros por laços sociais. (...) A partir da característica de um laço é que se estabelece uma ligação entre um par de atores.” Desse modo, é a afinidade entre os usuários que, provavelmente, irá evidenciar e aumentar a ligação entre eles.

Assim, no ambiente virtual das redes sociais, a prática comunicativa tende a ser tornar mais intensa e interativa, uma vez que há entrosamento o bastante entre os usuários do Facebook. Quanto a isso, Recuero (2005, p.5) afirma ao analisar as redes sociais: “a organização constitui-se na totalidade de relações de um determinado agrupamento social. Neste sentido, pode-se dizer que a organização é composta pela interação social que constitui as relações de determinado grupo”. Esse entrosamento permite que as pessoas se sintam autorizadas a colocarem sua voz no texto digital e criarem um texto conjunto:

Assim como a correspondência entre indivíduos fizera surgir o "verdadeiro" uso do correio, o movimento social que acabo de mencionar (a internet) inventa provavelmente o "verdadeiro" uso da rede telefônica e do computador pessoal: o ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir. (LÉVY, 1999, p. 114)

⁵ Tradução nossa. No original: (...) actors are linked to another by social ties. (...) The defining feature of a tie is that it establishes a linkage between a pair of actors.”

Nessa realidade de troca simultânea e interativa de informações, os usuários moldam a língua de acordo com a situação comunicativa, com o seu interlocutor e com a instantaneidade da informação. Nas palavras de Almeida Filho (2001, p. 45) “A escrita tornou-se coletiva, intertextual, interativa, (...) mudou o conceito de autor/escritor/leitor, inovou e modificou a linguagem e as formas de conceber a produção textual. Essa mudança está na forma de escrita nos ambientes (...)’.

Essa nova situação, portanto, demonstra que o domínio social agora é outro, então o papel social que os usuários representam também tende a ser diferente e, sobre isso, Bortoni-Ricardo nos afirma:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 23)

Essas inovações de domínio e de papel social, portanto, são mudadas na esfera digital, pois, como se nota na referida obra de Bortoni-Ricardo, não há uma norma sociocultural definida para o fazer linguístico no contexto virtual. Em contrapartida, se nos detivermos aos objetivos da rede social Facebook, que são principalmente de entretenimento e de informação por meio da interligação e comunicação entre pessoas que se conhecem, a norma sociocultural irá priorizar, pois, o bem-estar do usuário, o seu descanso mental. Essa situação permitirá uma linguagem menos contida, menos presa à regra normativa da língua, pois, também conforme o mesmo trecho da obra da autora em questão, há uma definição de papel social que se constrói no próprio processo de interação humana. E esse papel, por sua vez, permite uma concomitância entre as modalidades oral e escrita da língua:

Observe-se que, embora se reconheçam especificidades nas condições de processamento das modalidades oral e escrita, não é mais possível aceitar uma distinção dicotômica radical entre fala/escrita, uma vez que há muitas características comuns às duas modalidades da língua. Não é mais possível tratar das relações fala/escrita do ponto de vista unicamente formal, já que as línguas se fundem em usos. Por outro lado, o que é falado pode ser escrito, embora não da mesma forma. O discurso falado e escrito dividem a mesma gramática. O locutor – seja de um texto oral ou escrito – procura dar uma sequência lógica ao assunto tratado, buscando, normalmente, ser claro, coerente e coeso, pois seu objetivo é – via de regra – o entendimento do que quer dizer. Quando se registra uma interação verbal, a seleção da modalidade interacional institui por si só um objeto de estudo. (SANTOS, 2003, p. 27-28)

Isso quer dizer que o domínio social do contexto do Facebook permitirá um papel sociolinguístico peculiar de cada falante e, provavelmente, desligado de normas de gramática, haja vista que este tende a manter, nessa rede, contato com pessoas afins, para as quais ele normalmente não precisa se mostrar um hábil conhecedor da língua portuguesa no que tange à regra de escrita culta.

São, então, esse novo domínio e novo papel social que fazem com que ele, o usuário da língua, crie, muitas vezes, novas palavras ou novas grafias para se expressar, pois o seu texto se torna algo mais autêntico, isto é, mais próximo do que ele de fato usa em seu repertório lexical. Do mesmo modo, os seus interlocutores e o veículo de propagação de ideias, agora são outros, e aqueles ainda são variados e concomitantes.

Novamente, se percebe, pois, que o fato de o texto poder ser lido e escrito por várias e quaisquer pessoas dos contatos de um usuário, o estilo de língua que ele deve adotar precisa ser acessível e legível a todos. Assim, aqueles que navegam na rede social em questão continuam adotando as regras de estrutura da língua portuguesa, porém algumas – na verdade muitas – vezes, eles não seguem as regras normativas da língua, o que faz com que os textos presentes no Facebook, na maioria das vezes, não se alinhem às noções de concordância, regência, pontuação, colocação pronominal e outras normas gramaticais de nossa língua.

Contudo, o que predomina linguisticamente nessa rede social não é o uso normativo da língua portuguesa, mas as possibilidades de escritas diversas que se somam e que se misturam, como a língua culta junto à língua coloquial, a língua mais erudita com a mais chula, o texto sem abreviações com o texto abreviado, o uso da acentuação e da pontuação junto ao não uso, as palavras estrangeiras junto às nativas, os neologismos agregados aos termos já conhecidos da língua e etc.

Essas situações linguísticas são as mais comuns de se notar nos textos virtuais da rede social Facebook, haja vista que esse canal comunicativo é construído de modo que os usuários estejam conectados entre si e escrevendo, constantemente, textos para outros usuários também conectados à rede, mas conhecidos entre eles. Desse modo, as produções textuais são lidas e, em seguida, respondidas ou comentadas por outros usuários com muita velocidade, o que permite uma linguagem mais dinâmica, com uma escrita abreviada ou inventada propositalmente para gerar um efeito de sentido específico entre os internautas usuários dessa rede social. Isso porque o estilo mais livre de escrita é característica desse meio e os participantes precisam estar de acordo com ele para serem aceitos como participantes de fato. Novamente, portanto, Bortoni-Ricardo endossa:

(...) cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social. Por isso, sabemos que a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório linguístico. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49)

Diante dessas circunstâncias, portanto, a língua do dia a dia começa a ficar mais presente nos textos digitais e a expansão do léxico se mostra visível devido à dinâmica de troca de dados, seja com uma nova palavra, seja com uma nova grafia, seja com um outro idioma.

Desse modo, a expansão lexical dá abertura para o neologismo, que, segundo Cabré (1993, p. 444 *apud* FERAZ, 2012, p. 15), “(...) pode se definir como uma unidade léxica de formação recente, a uma acepção nova de um termo já existente ou um termo emprestado há pouco tempo de um sistema linguístico estrangeiro”. A neologia, então, “(...) pode ser compreendida como o conjunto dos processos de formação de palavras novas”, de acordo com Ferraz (2010, p. 258). Isto é, da neologia como processo surgem os neologismos como produtos, que são as palavras normalmente recém-chegadas à língua e que ainda não foram dicionarizadas.

2.2 O léxico e o Facebook

Em uma definição mais genérica, podemos dizer que léxico é o conjunto de palavras de uma língua ou de um texto. Porém, essa definição carece de mais conteúdo, já que língua e texto são propriedades distintas. A língua é, também em uma definição mais abrangente, o idioma de um povo e o modo peculiar deste se comunicar. Já o texto, seja ele escrito ou falado, é a expressão da língua por meio de palavras.

Nota-se, assim, que língua e texto se mesclam, afinal, toda produção linguística resulta na geração de um texto. Este, por sua vez, sempre é permeado pelo léxico do falante/usuário da língua. Isso quer dizer que léxico é todo o conjunto de palavras existentes em uma língua, mesmo que muitas delas não sejam utilizadas. Ou seja, os integrantes de uma comunidade linguística utilizam um dado repertório vocabular em seu dia a dia, e não todas as palavras existentes numa determinada língua – convém frisar que, mesmo se quisesse, uma pessoa não conseguiria saber ou usar todas as palavras de um idioma, haja vista a sua condição de

expansão permanente, já que o número de palavras tem um crescimento constante em qualquer língua.

Assim, as palavras são parte de tudo que nos rodeia, já que são um meio de nos comunicarmos e de representarmos o que queremos, o que somos e o que sentimos. Isso ocorre de tal modo que todas as transformações sociais estão presentes em nossas palavras, sendo o léxico o responsável por agrupá-las, registrá-las e por captar o social da língua, legitimando o processo de mudanças em um dado idioma. Nas palavras de Leal (2003, p. 215):

As palavras constroem o mundo em que vivemos. Conhecê-las é fazer parte do mundo e dele se apropriar. Qualquer mudança na língua toma forma pelo léxico que registra as ações, as ideias, também, os ideais e os sentimentos num tempo histórico. O léxico é social, formado a partir da necessidade de se interagir com o outro, sendo um dos fatores que constitui a própria humanidade, estando nas atividades do ser humano, ajudando-o a nomear o seu mundo.

Desse modo, o léxico está disponível para os falantes para que estes façam os usos que lhes convier, de acordo com a realidade de que fazem parte:

O léxico é um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados. (...) É mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo. (ANTUNES, 2007, p. 42)

Diante da extensão do léxico, contudo, cada pessoa e cada grupo social fazem uso de uma parte dele que se relacione com seus conhecimentos de mundo e sua cultura:

É preciso lembrar ainda que o vocabulário não é criado (ou recriado) pelo indivíduo mas que ele é adquirido através do processo social da educação. De fato, através do processo de educação social o homem adquire tanto a língua da sua comunidade como o seu vocabulário. Nessa aprendizagem o falante-aprendiz recebe da sociedade um produto acabado – a língua – que vem a ser o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sua sociedade. Essa cristalização da experiência social tanto cultural como linguística é o ponto de partida e o fundamento tanto do pensamento como da linguagem individual.” (BIDERMAN, 1998[1], p. 104)

É novamente, portanto, Biderman (2001, p. 9) quem nos aponta o caráter histórico e social do léxico: “O léxico reflete as tradições, a história, o presente, o passado, seja o ambiente físico, social ou cultural, pois na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define também fatos de sua cultura”. (BIDERMAN, 2001, p. 9)

Assim, o léxico é o componente da língua que mais se relaciona ao mundo extralinguístico, recebendo deste diversas influências, muitas das quais resultando na criação lexical. Nesse ponto, novamente Biderman (1998 [2], p. 14) afirma: “(...) o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. O sujeito falante de uma língua absorve o patrimônio linguístico que lhe é passado naturalmente, mas, individualmente, consegue fazer novas adaptações e usos da língua que a enriquecem e aumentam o seu conjunto lexical. É Biderman quem, mais uma vez, reitera essa perspectiva: “No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical”. (BIDERMAN, 1998 [2], p. 14)

O léxico, então, se revigora com as criações neológicas que os usuários fazem no seu dia a dia, como aponta Ferraz:

A criação neológica surge inicialmente no discurso. Verificada sua pertinência no uso linguístico, ela passa, como uma novidade lexical, a ser gradativamente adotada por um conjunto de falantes que, em última instância, decidirá, inconscientemente, sobre a sua manutenção ou desaparecimento. A aceitação por parte da comunidade linguística favorece a integração do neologismo no léxico da língua e seu consequente registro no dicionário geral. (FERRAZ, 2010, p. 273)

Desse modo, “a obsolescência de unidades lexicais que caem em desuso e o surgimento de novas unidades na língua, os neologismos lexicais, são ocorrências naturais, previstas nos padrões de estruturação lexical das línguas vivas”. (FERRAZ, 2010, p. 258)

Assim, o falante é quem vai permitir a expansão do léxico de sua língua, já que é ele, em seus discursos cotidianos, quem aceitará ou não uma novidade lexical em sua produção linguística ou ainda quem deixará ou não de fazer uso de uma unidade lexical já existente e confirmada nos dicionários gerais. A partir dos usos linguísticos dos falantes, portanto, é que o léxico se constrói. Também é devido à comunidade linguística que o léxico se faz incontável, já que as palavras são usadas e saem de uso frequentemente, e, além disso, novas palavras são criadas e recriadas todos os dias. Isto é, o léxico de uma língua se renova intensamente, com um crescimento constante, como se confirma em:

Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias expressões idiomáticas e palavras. (HENRIQUES, 2010, p. 101-102)

Assim, o crescimento do léxico é contínuo devido ao fato de os aspectos sociais e culturais refletirem na vida social do indivíduo. Porém, se a língua é também um fenômeno social, os acontecimentos sociais vão contribuir, inclusive linguisticamente, para explicar experiências passadas e para dar voz e vez a experiências futuras:

Enquanto ponto de partida social do pensamento individual, a linguagem é a mediadora entre o que é social, dado, e o que é individual, criador, no pensamento individual. Na realidade, a sua mediação exerce-se nos dois sentidos: não só transmite aos indivíduos a experiência e o saber das gerações passadas, mas também se apropria dos novos resultados do pensamento individual, a fim de os transmitir – sob a forma de um produto social – às gerações futuras. (SCHAFF *apud* BIDERMAN, 1998[1], p.104).

Isso quer dizer que as variações que uma língua sofre são fenômenos sociais, os quais são processados e reprocessados por indivíduos que acabam inserindo novos experimentos linguísticos, baseados em seus conhecimentos de língua e nas possibilidades de criação e recriação que esta permite. Ferraz nos aponta, pois, essa ideia:

A análise do léxico permite-nos identificar traços relevantes aos grupos sociais que dele o utilizam e o manipulam, no interior dos quais situamos a motivação para constituição e expansão do conjunto lexical. Esse fato nos leva a considerar que a evolução de uma sociedade, bem como as transformações culturais (tradição, costume, moda, crença) propiciam mudanças no léxico, de vez que este está diretamente associado ao universo de pessoas e coisas. (FERRAZ, 2006, p. 221)

Nesse aspecto, corrobora-se finalmente a ideia de que fatores sociais e culturais refletem no léxico e, conseqüentemente, na língua de modo geral. O estudioso Bisognin (2008, p. 16) confirma essa perspectiva: “As línguas refletem sociedades e suas épocas, sendo o léxico a parte que mais nitidamente acompanha as alterações sociais”.

Atualmente, os fatores que mais exercem influência sobre a língua são a comunicação virtual e, mais especificamente, a comunicação via redes sociais, as quais são as mais populares formas de interação entre os internautas de modo geral. É Alves (1990, p. 6) quem endossa essa perspectiva:

Sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica. No entanto, é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm a oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos. (ALVES, 1990, p. 6)

Nos dizeres da referida autora, as influências linguísticas que circulam em meios de comunicação de massa, como o Facebook, são mostras da dinâmica de uma língua. Assim, criações de palavras que se originem desse tipo de ambiente sócio-comunicativo fazem parte de um léxico maior e representam o patrimônio de um grupo linguístico.

Dessa forma, qualquer palavra que surja em uma língua será contemplada em seu léxico, isto é, fará parte dele, mesmo que seja utilizada apenas uma única vez. Do mesmo modo, as palavras que foram muito usadas ou não e que já caíram em desuso também continuarão a fazer parte desse mesmo léxico. Ainda, as palavras que são ou que virão a ser aportuguesadas também são e farão parte desse léxico. Essa situação sugere que:

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9)

Léxico é, finalmente, um componente da língua, a qual estará sempre pronta para o falante, podendo este selecionar - a partir do domínio lexical que possui - qual repertório linguístico vai usar em seu ato comunicativo. Assim, se os usuários de uma língua selecionam o seu repertório linguístico de acordo com a situação social e com o local em que se encontram, do mesmo modo as situações sócio-comunicativas também indicam ao falante como se portar linguisticamente no ambiente virtual do Facebook.

A interação a distância, portanto, requer que os interlocutores, assim como em situações presenciais de comunicação, se moldem ao modelo comunicativo em que se encontram envolvidos. Isto é, o léxico a ser ativado pelo usuário em instâncias comunicativas virtuais é também selecionado por este usuário em consonância com seu conhecimento de mundo, de língua e de vivências relativas a ambientes digitais, o que quer dizer que as situações sócio-comunicativas também estão presentes no meio virtual. Devido a isso, o repertório lexical daquele que faz uso da língua na rede social em questão é configurado para esse contexto de uso em especial. Ou seja, vale, nesse caso, desde a linguagem mais chula e abreviada até a linguagem mais elaborada, e essas variações da língua devem ser definidas de acordo com o assunto, com o interlocutor e com o ambiente comunicativo em si. Nas palavras de Santos:

Já é senso comum dizer-se que a interação *on-line* (IOL) é lugar em que se escreve descuidadamente, apresentando-se as palavras “pela metade”. É bem verdade que as

quebras existem, mas têm um papel fundamental no processo de comunicação entre os usuários, que é o de expressar emoções, enfatizar ideias, seduzir, manter aberto o canal de comunicação e, principalmente, criar uma imagem no locutor. (SANTOS, 2003, p. 1)

Nesse sentido, é preciso que se recorde que “por muitas vezes, a escrita digital em uso apresenta traços híbridos, que desafiam a famosa dicotomia entre a fala e a escrita”. (ABREU, 2000, p. 2) Contudo, a linha tênue entre oral e escrito é característica específica do gênero de texto virtual, o qual deve ter sua modalidade linguística demarcada pela sua circunstância de produção, bem como pelos interlocutores, tal qual no texto produzido em circunstâncias presenciais.

Desse modo, é válido ressaltar que, também no meio virtual, há uma “regra” de uso da língua que deve ser obedecida para que a comunicação seja estabelecida de acordo com o contexto e com os integrantes do diálogo *on-line*:

(...) a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias. (...) Quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73)

Isso não quer dizer que a regra de uso da língua, em contextos virtuais, seja de acordo com as normas gramaticais propriamente ditas. Muitas vezes essa regra segue a intimidade entre os falantes, o que permite, de modo geral, que a língua não seja rígida no que diz respeito à gramática normativa do português do Brasil, possibilitando, pois, desvios de norma e criações lexicais gráficas não existentes. Contudo, a norma estrutural da língua é mantida, uma vez que é com essa estrutura sendo dominada pelo usuário que ele consegue formular novas criações linguísticas. Afinal,

(...) conhecemos a sua forma (das palavras), o seu significado (som ou gesto, e grafia), a sua flexão, a sua categoria morfossintática, as relações gramaticais que estabelece com outras palavras, nomeadamente as suas regras de subcategorização, isto é, a natureza sintática dos elementos que com ela coocorrem (...). Além disso, conhecemos o seu significado de base e (...) os contextos sociais e comunicativos em que adequadamente as podemos usar. (CORREIA, 2011, p. 279)

É esse conhecimento da língua e de suas palavras, aliado ao conhecimento sociocultural do indivíduo, que promoverá nele uma competência linguística e lexical capaz de propiciar a criação de novas palavras, as quais são de fácil entendimento para os interlocutores, uma vez que são coerentes com a língua e com o contexto de comunicação.

2.3 Formação de neologismos na internet

Na internet usada no Brasil, a forma de comunicação linguística utilizada de modo geral carrega consigo um estigma de mau uso da língua, já que muitas vezes ela não está de acordo com a norma gramatical padrão da língua portuguesa, uma vez que o internetês, essa variedade utilizada na internet, “baseia-se na simplificação informal da escrita para tornar mais ágil a comunicação”. (BISOGNIN, 2008, p. 18)

Devido a essa simplificação da escrita, o texto se torna mais dinâmico e a linguagem empregada tende a ser mais informal na maioria das vezes. Por causa disso, no ambiente virtual, a língua sofre variações constantes, tal como na modalidade falada ou escrita convencional, o que faz com que a variedade linguística da internet tenha uma forma peculiar e reconhecida de comunicação entre seus usuários:

A Internet é um novo ambiente de enunciação cultural, com múltiplas linguagens, possibilidade de interações, velocidade acelerada de informação e estrutura multimidiática. Ela suscita e expressa um ambiente de comunicação diferenciado. Isso pode ser percebido até nas formas de escrever utilizadas pelos internautas, principalmente pelos jovens, na comunicação eletrônica: interferem sobre a escrita culta padrão para interagir. (BISOGNIN, 2008, p. 16)

Essa situação nos confirma a ideia de que a língua se modifica, pois os seus usuários se modificam e o contexto de uso da língua também se modifica com as transformações sociais. Isso quer dizer que, inerente à língua, a capacidade que o léxico tem de se expandir ou de suprimir certas palavras também ocorre no meio digital, já que o léxico faz parte da cultura de um povo, e, culturalmente, a tecnologia vem trazendo variações na nossa língua:

A renovação do léxico de uma língua é um fenômeno permanente, já que o léxico, refletindo a dinâmica da língua, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, constitui uma forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística. (FERRAZ, 2006, p.219)

A diferença, contudo, é que na era computacional, a língua, por solicitar um dinamismo maior na comunicação, sofre mutações na sua vertente escrita. Assim, muitas palavras continuam sendo as mesmas, tendo os mesmos significados, mas o seu modo de grafar se torna diferente, ganha uma versão abreviada e mais rápida. Esses são, pois, os principais neologismos criados na internet: os neologismos gráficos, os quais, também, fazem parte da renovação do léxico:

Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais. Por outro lado, podemos afirmar que, ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na bíblia judaico-cristã, anteriormente referido, em que Deus incumbiu ao primeiro homem dar nome a toda a criação e dominá-la. A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras. (BIDERMAN, 1998[1], p. 91-92)

Desse modo, a língua apresenta, por meio das palavras, os processos culturais e sociais que o homem vem passando e, por meio das experiências deste, novas necessidades vão surgindo, como as novas palavras que se fazem precisas nas redes sociais. Nesse ambiente, por se configurar como um canal de comunicação rápida e normalmente entre pessoas que têm afinidades, a variedade de língua utilizada tende a não seguir as normas da modalidade escrita culta e permite um uso linguístico da escrita que se pareça muito com a fala:

Da mesma forma que a modalidade falada, nos bate-papos (aqui principalmente o Facebook) se observa a presença de marcadores de aspecto conversacional (truncamentos, hesitações, correções etc). Isso ocorre, em parte, devido à simultaneidade e ao aspecto dialógico desse novo gênero textual. Também se destaca outra semelhança com a língua falada: a existência de variações linguísticas nas abreviações. Assim como na língua oral existem as variações prosódicas, nos bate-papos existem as variações de formas abreviadas, isto é, uma mesma palavra pode ser representada por mais de uma abreviação. (PESSOA, 2000, p. 109)

Nesse percurso, a variedade da internet, o internetês, é permeada de semelhanças com a língua oral, uma vez que, devido à instantaneidade da comunicação, o movimento das mãos para digitar o texto precisa ser rápido o bastante para acompanhar o raciocínio e, nesse caso, o discurso. Além disso, pelo fato de o indivíduo que está do outro lado da tela e que irá receber o texto ser provavelmente alguém a compartilhar certa intimidade, a produção dessa escrita recebe mais uma razão para não seguir normas de formalidade gramatical.

Contudo, a língua não se torna inferior por isso, afinal as regras sintáticas continuam sendo seguidas, embora a norma gramatical possa ser alterada. Também porque o léxico aceita alteração nas palavras, na escrita, e a sintaxe não diz respeito a isso. Guilbert (1975, p. 24) comenta essa situação: “⁶As regras são relativas à estrutura sintática mas são excluídas do

⁶ Tradução nossa. No original: Les règles concernant la structure syntaxique mais sont exclues du lexique. [...] Le lexique, par conséquent, peut admettre toutes les sortes de changements, sans mettre en cause les règles.

léxico. (...) O léxico pode admitir, portanto, todos os tipos de mudanças sem prejuízo das regras.” É nesse momento, então, que o texto escrito se confunde com o texto falado:

A utilização do processo de abreviação nas conversas virtuais não é ocasional. Devido à semelhança de produção dessa linguagem com a língua falada, como já foi dito, exigem-se dos interlocutores cada vez mais agilidade e objetividade na mensagem a ser transmitida, atribuindo ao texto características conversacionais e dialógicas, que trazem como efeito reduções no componente linguístico neste tipo de texto. Daí surge, quase naturalmente, a abreviação, fenômeno que, uma vez utilizado dentro de um contexto, não prejudica a interação. É, aliás, uma forma de tornar essas conversas virtuais mais dinâmicas e, portanto, mais próximas das conversas “reais”. (PESSOA, 2000, p. 109-110)

Começam, então, as escritas em tamanhos diminuídos para compensar o tempo gasto na digitação das palavras. O texto produzido nos ambientes de interação na internet, portanto, quando não exige formalismo linguístico, ganha novas roupagens, como inovações fonéticas, acentos gráficos ou a falta deles, abreviações, siglas e estratégias diversas que aproximam o texto escrito do texto falado, seja pela pronúncia, seja pela rapidez da comunicação.

O que se começa, portanto, é o processo de neologismo, o qual é assim definido por Alves (1990, p.5)

Ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*. O neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos. Na língua portuguesa, os dois recursos têm sido amplamente empregados, diacrônica e sincronicamente.

Na definição da autora, fica claro que neologismos são as palavras novas dentro do léxico de uma língua. Essas palavras vão sendo criadas pelos falantes e usuários da língua de modo geral à medida que há a necessidade, tanto na escrita quanto na fala, de expressar novos pensamentos, obedecendo com isso às condições e situações de produção.

No caso das palavras que circulam em ambientes de interação na internet, a modalidade de neologismo encontrada está na língua escrita, a qual é demarcada por expressões comuns do meio digital, principalmente na forma gráfica. Em nosso estudo, portanto, será considerado neológico o item lexical que, pelos mecanismos de formação de palavras do português, apresente uma forma nova, ou variação gráfica da forma ou apresente a forma inalterada com novo significado, considerando-se que o produto desses casos não esteja registrado nos principais dicionários de língua brasileiros. Serão aqui considerados ainda neológicos os itens lexicais de origem estrangeira, também presentes nos textos produzidos no âmbito do Facebook, que igualmente não estejam dicionarizados.

2.4 Os neologismos “facebookianos”

No ambiente virtual do Facebook, as mais diversas manifestações linguísticas escritas estão presentes, desde a variedade padrão do português ao português coloquial, informal. Essas ocorrências são possíveis porque o Facebook é uma junção de várias circunstâncias: de pessoas, de gostos, de objetivos, de ideias, de fatos, de vozes, de discursos e, por que não, de variedades linguísticas.

Essa miscelânea é que permite que as pessoas se interajam sem muita polidez linguística e criem novas maneiras de se utilizar a modalidade escrita da língua. Afinal, o contexto comunicativo do Facebook é um domínio social próximo do texto do dia a dia, é um domínio de cultura popular, de misturas, de possibilidades. Porém, para participar dele, o usuário precisa agir de acordo com o grupo, para ter sua identidade reconhecida e para ser aceito como membro. Afinal, “toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33)

É devido a essa identidade que Batista Júnior & Silva (2010, p. 2) afirmam que “há uma nova realidade social, na qual não basta ler e escrever, mas sim saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade moderna nos faz a todo o momento, bem como interagir com as novas formas de socialização, dentre elas a internet e as redes sociais”.

Assim, o grupo de usuários do Facebook, acostumado com o modo de socialização e relacionamento pessoal que a rede social em questão permite, se sente à vontade para produzir textos escritos em uma variedade da língua menos normativa. A partir disso, então, tais usuários criam palavras para expressar o que sentem, para expressar o que querem dizer, quando não as encontram no seu repertório vocabular. Por essa razão é que Simões & Aragão (2009, p. 8) afirmam que “o falante é capaz de inventar vocábulos novos não só para suprir emergência comunicacionais, como também para produzir situações cômicas, irônicas etc.”

Isso quer dizer que a rede social Facebook se mostra tão receptiva ao estilo próprio de cada usuário, mas ao mesmo tempo tão interativa quando as pessoas têm afinidades entre si que, linguisticamente, facilita a entrada de novos vocábulos, uma vez que esses estão interligados à cultura das pessoas, a qual é mutável e, por isso, induz a língua a sofrer variações.

A língua, não tendo função em si, existe para expressar a cultura e possibilitar que a informação circule. Ela corporifica as demais interpretações culturais, como as letras nas músicas, a oração na religião, a descrição e a especificação na moda, a receita na culinária, o título nas obras de arte. (CARVALHO, 2010, p. 419)

Continuando o raciocínio de Carvalho, podemos dizer que a língua corporifica o português abreviado e com inovações gráficas no Facebook. Afinal, a cultura de instantaneidade e a aproximação da língua escrita à língua oral, comuns nessa rede social e na internet de modo geral, permitem um uso, no caso das palavras do português, marcado pelo encurtamento, ou ainda mais fiel à ênfase dada a uma certa palavra ou expressão. Por isso é que “(...) a acentuação e a pontuação cedem lugar a outros elementos, tais como repetição de grafemas, o uso de caixa alta, de abreviações e sonorizações. A pontuação deixa de ter o uso normatizado da gramática, para possuir, principalmente, função enfática”. (STORTO; GALEMBECK, 2009, p. 1593)

Nesse ponto, vê-se, claramente, que o advento da internet possibilitou um modelo de texto que traz inovações na escrita, as quais são reflexos do que se vive na atualidade: concomitância de ações, rapidez, coautorias, afinal, na era do corre-corre, em que não se pode perder tempo, as pessoas querem fazer tudo ao mesmo tempo e de forma bastante veloz. A língua, por sua vez, também participa desse processo de velocidade e, no uso da escrita em tal ambiente virtual, recebe formas diminuídas, siglas, falta de acentos, onomatopeias, símbolos e outras formas de grafar o texto, que sejam mais rápidas, mais emotivas ou mais livres, do ponto de vista da norma gramatical, como o contexto situacional permite.

Devido a essa situação, que Heine (2005, p. 9) diz:

Vê-se, portanto, que a internet possibilitou a criação de um novo espaço para a escrita, permitindo também a ampliação da concepção de texto, que no espaço virtual carrega marcas da oralidade e representa um hibridismo entre a modalidade oral e escrita. Assim, o texto passa a ser dinâmico e interativo, sendo escrito por várias mãos.

Desse modo, o texto presente no Facebook é um reflexo das mudanças sociais, culturais e linguísticas pelas quais a sociedade passa. Isso não quer dizer que as alterações na língua serão perenes, podem ser momentâneas, contudo o fato de terem acontecido é algo que deve ser registrado, afinal, se não havia uma dada forma de escrever uma palavra, ou o significado dela, ou ainda a própria palavra na língua, é sinal de que esta sofreu alguma mudança.

O processo de variação na língua é contínuo, uma vez que ele acompanha as transformações sociais. A maneira de se ler e de escrever um texto, por ser um processo que

faz uso da língua, e neste caso, a língua escrita, vai acompanhar os passos da sociedade. Por causa dessa situação é que a condição de produção textual no Facebook é algo importante para se pensar um texto e a língua nele utilizada.

Como já afirmamos, essa rede é marcada pela afinidade entre pessoas, pela rapidez da comunicação, pela polifonia do discurso e pela facilidade de acesso, fatores esses que contribuem para que qualquer pessoa possa ser autor de um texto – utilizando a linguagem que o seu grupo de amigos utiliza, bem como a linguagem que a internet em si permite. Nas palavras de D’Andréa (2007, p. 78) “Um texto (...) é algo extremamente dinâmico e seu significado ultrapassa as condições materiais e de produção, atualizando-se apenas no momento da leitura, e de maneira única a cada interação”.

No âmbito do Facebook, várias concepções de texto estão presentes, mas o uso de uma forma especial da língua é algo que se sobressai ainda mais, pois as possibilidades de criação de novas palavras é uma constante, uma vez que os usuários conseguem reconhecer as criações feitas pelos outros usuários, mesmo que não de imediato, mas sempre de acordo com o contexto em que as palavras estão inseridas. Afinal, sendo a língua algo vivo, mudanças em sua grafia, em sua pronúncia ou a inserção ou o desuso de novos itens lexicais não é algo assustador, pelo contrário, é algo já esperado, e ao mesmo tempo enriquecedor, pois só confirma a capacidade de variação da língua e legitima o discurso de sua vivacidade.

Dessa maneira, os neologismos presentes no Facebook, e aqui enfatizamos principalmente os neologismos gráficos, já que são os mais abundantes nessa rede, são uma prova de que o léxico é sempre expansivo e caminha de acordo com as transformações sociais. A estudiosa Alves (1990, p. 87) corrobora essa ideia ao afirmar:

O estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade. Por isso, o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva linguística, a análise dos processos de formação de novas palavras; do ponto de vista extralinguístico, constitui o estudo da evolução da sociedade brasileira.

Pelo fato, portanto, de os neologismos serem mostras da produtividade da língua, bem como serem reflexo do que se passa na sociedade, o Facebook, por ser um meio de comunicação e ainda um ponto de encontro, mesmo que virtual, entre pessoas, demonstra ser um ambiente virtual propício para se evidenciar e comprovar as mudanças sofridas pela língua escrita no Brasil. Os neologismos, por sua vez, são o material que legitimam essa ideia.

3 REDES SOCIAIS E NOVOS VOCÁBULOS

A internet é uma mídia que ainda vai provocar muitas modificações no processo de comunicação entre as pessoas.

Nelly Carvalho (2013, p. 91)

Nas redes sociais, a criação de novas palavras é um acontecimento constante. Os usuários, em suas trocas interativas, solidificam um uso da língua escrita que não ocorre na língua padrão normativa, mas que é claramente entendido pelos seus interlocutores e pelos usuários do universo online de modo geral. No Facebook essa é uma realidade linguística que se revela mais pela inovação na grafia da forma já existente e menos pela criação de formas novas com novos significados

3.1 Sobre os neologismos coletados

A escrita presente no Facebook apresenta desde unidades lexicais mais formais a itens lexicais mais despreocupados com normas de convenção gramatical. Contudo, o que se nota, de modo geral, é que para fazer uso de neologismos, o usuário da língua deve ser, antes de tudo, um conhecedor em potencial da língua. Isso não quer dizer que ele deva ser um estudioso nessa área, mas alguém que, mesmo inconsciente, reconhece as possibilidades que a língua lhe oferece. Afinal,

A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extra-lingüísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo.” (BIDERMAN, 1998[1], p. 88)

A partir de tais conhecimentos e capacidades, o usuário da língua é capaz de perceber contextos e neles aplicar novas formações de palavras que lhes sejam convenientes. Ou seja, o usuário, por meio de conhecimentos linguísticos, se mostra uma pessoa habilidosa

lexicalmente e competente para entender, interpretar e criar neologismos de acordo com o que a língua o permite fazer, como bem mostra Sandmann:

(...) a competência lexical do usuário de uma língua se compõe de dois momentos: o da análise e interpretação das unidades lexicais estabelecidas no léxico, isto é, já formadas, e o da formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição. (SANDMANN, 1991, p. 23)

Assim, é notório que para criar novas palavras não basta apenas falar uma língua, é preciso ter um conhecimento de mundo e de léxico, os quais, naturalmente, possibilitam essa criação. Ou seja, é também uma vivência cultural na língua que permite um olhar particular para ela e uma ligação forte a ponto de entendê-la e recriá-la. Nas palavras de Carvalho, “a aquisição da competência cultural (na própria cultura) não faz parte de uma escolha possível: ela é vivida como uma ligação imediata e única com o mundo.” (CARVALHO, 2010, p. 420)

A afirmação da autora, portanto, evidencia-nos que algumas competências estão juntas no indivíduo para que ele seja capaz de criar novas palavras, são elas: competência linguística, competência lexical e competência cultural, as quais, somadas, habilitam uma pessoa a entender a língua e a fazer novas formações de palavras, seja por escrito, ou oralmente.

É por possuir essas competências que os usuários da internet de modo geral, e especialmente os usuários do Facebook, não estranham, mas usam e compartilham as novas formas de se escrever a língua com tranquilidade. Afinal, eles reconhecem que, nesse contexto, é possível determinada maneira de grafar, e se sentem à vontade com o fato de que

Os efeitos, na língua, desse novo meio (aqui entendido como internet e, principalmente, rede social Facebook) são duplos: ele inicia uma mudança no caráter formal da língua e possibilita maior utilização da escrita. São inúmeras abreviações usadas (“tb”, “vc”) e reduções (“facu”). A falta de maiúsculas e de acentos surpreende o falante do português. A ortografia fora do padrão, condenada na escrita convencional, é usada sem sanções em ambientes de conversa. (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 79)

Diante disso, podemos notar que os neologismos existentes no Facebook, criados com habilidade linguística, lexical, cultural e tecnológica, por parte dos usuários dessa rede social, são pertinentes ao contexto sociocomunicativo em que se inserem e, em sua maioria, são neológicos do ponto de vista da grafia, mas em outros casos são neológicos no aspecto formal ou mesmo por serem estrangeirismos.

Ainda, as novas palavras criadas pelos usuários da rede em questão são muitas vezes inéditas na língua. Com isso, a combinação de fonemas que o falante utiliza em seu repertório pode gerar, em muitos momentos, palavras que não existem na língua portuguesa do Brasil, uma vez que o som por elas produzido não faz parte da sonoridade da língua brasileira. As onomatopeias são, por exemplo, uma pertinente amostra dessa situação fonológica, haja vista que a junção dos fonemas, na tentativa de imitar um som, acarreta uma grafia de uma palavra que não existe na escrita já dicionarizada do idioma do Brasil.

É Alves (1990, p. 11) quem nos confirma essa perspectiva ao ressaltar que a neologia fonológica “supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente”. Ou seja, o caráter fonológico também contribui para a inserção de novas palavras no léxico da língua, entretanto, a formação de uma unidade lexical inteiramente inédita é algo extremamente raro no português brasileiro. Neste, os casos mais frequentes envolvendo neologismos fonológicos dizem respeito a certas variações fonológicas do significante.

Contudo, para a percepção do neologismo ser verificada:

(...) é preciso de início definir um critério de reconhecimento do neologismo. No que diz respeito à gênese neológica e às circunstâncias em que esta ocorre, está claro que não é pelo fato de uma unidade léxica ter caráter inédito que passa a ser imediatamente considerada neológica.

Há três fases da neologia que devem ser observadas:

- a) a fase inicial do processo, quando o neologismo está sendo criado;
- b) a fase que sucede à criação e se refere à recepção ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários;
- c) a fase em que começa o processo de desneologização. (FERRAZ, 2012, p. 18)

Vale ressaltar, no entanto, que, embora muitos dos itens lexicais aqui entendidos como neológicos já existam há algum tempo e/ou já são conhecidos pelos usuários do Facebook e pela comunidade falante do português brasileiro de modo geral, as fases de neologia, como bem atesta Ferraz (2012), devem ser investigadas, para que, em seguida, nos detenhamos a critérios específicos que nos permitam legitimar uma unidade lexical como neológica. Para esta pesquisa, nos detivemos aos critérios que se seguem para selecionarmos um deles como o mais pertinente no que tange à verificação da palavra neológica:

- a) Uma unidade lexical pode ser considerada neológica se tiver surgido em um período recorrente (*critério diacrônico*)
- b) Uma unidade lexical será neológica se ainda não estiver registrada nos dicionários de língua (*critério lexicográfico*)

- c) Uma unidade lexical será neológica se apresenta traços de instabilidade formal (fonética, morfológica, gráfica) ou semântica (critério de instabilidade sistemática)
- d) Uma unidade lexical é neológica se os falantes de uma comunidade linguística a percebem como uma palavra neológica (critério psicológico) (FERRAZ, 2010, p. 260-261)

De acordo com os critérios defendidos por Ferraz, com base em outros estudiosos do assunto - Guilbert (1975), Boulanger (1979) e Cabré (1993) – selecionamos o critério lexicográfico para ser o nosso instrumento de análise e identificação das unidades lexicais novas, haja vista que, em relação aos demais, ele se mostra como o mais objetivo. Afinal, “(...) é sabido que tal critério se ressentir de maior precisão pelo fato de os dicionários se atualizarem com mais frequência. Em geral, a atualização dos dicionários ocorre nas edições seguintes”, conforme afirma Ferraz (2010, p. 261).

Desse modo, com o critério lexicográfico será possível afirmar com segurança se uma dada criação lexical é de fato neológica ou não. Assim, é preciso que se evidencie quais dicionários foram os escolhidos: *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa* (2009); *Novo Aurélio do século XXI: o dicionário de língua portuguesa* (2010); *Dicionário Aulete Digital – formato eletrônico* (2013), além do *VOLP* (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa [2009]), os quais são de grande reconhecimento na comunidade brasileira, o que justifica a opção por utilizá-los como corpus de exclusão.

3.2 Classificação neológica

Serão apresentados, a seguir, os neologismos que encontramos e a respectiva classificação neológica, a qual é baseada nos estudos de Alves (1990).

No estudo da referida autora, a neologia é dividida em três grandes modalidades:

- a) Neologismo formal
- b) Neologismo semântico
- c) Neologismo por empréstimo

Em conformidade com esses estudos, estamos considerando neologismos formais aqueles em que as palavras mudam na forma de grafar e/ou aqueles que resultam dos variados processos de derivação e composição.

Também nas palavras de Ferraz (2012, p. 18), neologismo formal é “(...) a construção de palavras através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico”.

Para considerarmos os neologismos semânticos, entendemos serem eles as palavras resultantes da reutilização de formas lexicais já existentes, porém com sentidos novos. O estudioso Ferraz (2012, p. 18) endossa essa visão ao dizer que a neologia semântica é “(...) a expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de unidades léxicas já existentes.”

Por fim, como neologismo do tipo estrangeirismo, ou neologismos por empréstimo, estamos considerando as palavras que pertencem a uma língua estrangeira, apresentando uso corrente no português do Brasil. Ou seja, essas palavras não fazem ainda parte do léxico do português brasileiro, tampouco foram ainda dicionarizadas. É Ferraz (2012, p. 18 e 19), novamente, quem também corrobora esta perspectiva, ao afirmar que a neologia de empréstimos é “(...) a citação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos, as quais se podem apresentar adaptadas ou não à nova língua”.

As páginas com os exemplares e usos específicos e contextualizados dos itens lexicais neológicos aqui mostrados estão disponíveis nos anexos deste trabalho.

É preciso lembrar, também, que foram mantidos em sigilo as identidades e os rostos dos usuários do Facebook, pois o objetivo deste trabalho é apenas observar dados linguísticos. Desse modo, nomes e rostos fictícios – os quais se repetem nos exemplos exibidos nos anexos – foram colocados para se preservar a imagem de quem faz uso da rede social em questão.

Por fim, é necessário evidenciar que a coleta de dados foi feita entre maio de 2012 e janeiro de 2013 e que o critério de seleção foram as páginas que apareciam no dia da coleta com exemplos de neologismo gráfico ou de outro tipo. Em relação ao perfil do usuário, este não foi critério de seleção, mas, de modo geral, foram pessoas mais jovens, de faixa etária entre 15 e 30 anos, as quais correspondem, em sua maioria, à maior parcela de navegadores do Facebook (18 a 34 anos), conforme Loredó (2013).

No que diz respeito à quantidade de material coletado, foram contabilizados 120 textos, dos quais selecionamos 40, pois em cada um deles há, no mínimo, uma palavra neológica – pelo menos graficamente – e, desse modo, teríamos um número razoável de novas palavras para lidar. Vale ressaltar que o que chamamos de texto para essa análise é o recorte feito na página do Facebook, como o mecanismo de, com as teclas Control (Ctrl) e PrintScreen (PrtScr) do teclado, recortar uma parte específica do que aparece na tela do computador.

Devido, portanto, à dimensão da pesquisa que aqui se apresenta, não seria possível trabalhar com um número muito extenso de textos, haja vista que o objetivo se estenderia demais e, além disso, o que temos aqui é apenas um recorte do vasto universo de neologismos que se atropelam constantemente na rede social Facebook e evidenciam a riqueza da língua portuguesa e sua pluralidade de escritas possíveis.

Tabela 1 – Classificação geral dos neologismos

Item nº	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo nº
01	deal	Estrangeirismo	Estrangeirismo	Indica o valor expressivo de algo: “muito bom”, “grandioso”. No caso em foco, refere-se a emprego	To precisando dum bom deal desses.	2	1
02	inbox / in box			Caixa de entrada, caixa de mensagens eletrônicas	Pedidos via mensagem inbox.	1	17
03	Forever alone			Sozinho para sempre	FDS provavelmente ficarei forever alone.	1	16
04	Beautiful			Lindo / bonito	Beautiful this!	1	17
05	this			isso	Beautiful this!	1	17
06	sorry			desculpa	Sorry, sorry, sorry!	3	40
07	OMG		Sigla estrangeira	Oh, my God!	Ontem foi a vez de uma outra aula absurdamente foda sobre metalurgia. OMG.	1	11

Item n°	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo n°
08	tchuco	Formal	Fonológico	Bonito, fofo	Hoje ele tava muito tchuco.	1	15
09	hahahahah			Indica riso, gargalhada.	Qual é o bapho da vez? Hahaha.	21	1,3, 12, 15, 17, 18, 19, 21, 27, 33, 40
10	Kkkkkkk			Indica riso, gargalhada.	Kkkk vc vai entrar em coma alcoolico.	36	1,9, 12, 15, 22, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39
11	Hehehehe				Não me abandonem... hehehe.	2	1, 24
12	Rsrtrs				Rsrtrs... é mais forte que eu.	7	1, 21, 27
13	uahsuahsuah				Hj a minha ta sem cair uahsuahsuah.	4	18, 34, 38
14	Ksksksksk				Ksksksk... neem meu érr...	1	12
15	Uuuuuuu			Grito de alegria	Uuuuuuu.	2	8,9
16	ownn			Demonstração de carinho, afeto	Ownn brigada.	1	32
17	aff			Expressão sonora de desgosto ou desaprovação.	Yuri vulgo miojo HAHAHAH aff.	1	3

Item nº	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo nº
18	engostosamento	Formal	Derivação parassintética	Ficar gostoso (a), com corpo bonito.	Fiz um plano semestral na academia, Projeto Engostosamento.	1	21
19	Facebookeano(s)		Derivação sufixal	Usuário do Facebook	Povo facebokeano.	2	7, 10
20	homarada		Derivação sufixal	Muitos homens	Cuidado homarada!!!	1	37
21	Facebooklândia		Lugar onde se encontram os usuários do Facebook.	Facebooklândia! Daqui a pouco tem #Caldeirão.	1	22	
22	boassa		Derivação sufixal, com variação gráfica do sufixo -aça.	Estar na boa mesmo, muito de bem com a vida.	Chaaaaapar os coco, de boassa.	1	33
23	FODÁSTICA		Derivação sufixal (variação gráfica do sufixo)	Muito boa! Excepcional!	A última aula foi fodástica.	2	11, 39

Item n°	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo n°
24	aluníssimos	Formal	Derivação sufixal (variação semântica do sufixo)	Muito bons alunos	Tô morrendo de orgulho dos aluníssimos.	1	20
25	professoríssima			Muito boa professora	— Tô morrendo de orgulho dos aluníssimos... — professoríssima	1	20
26	raxei		Encurtamento da forma “rachar de rir”, com o verbo flexionado e com variação gráfica.	Usado no pretérito e em primeira pessoa. Significa: rir muito.	Oia só! Raxei viu!	1	35
27	ob		Sigla vernácula	Ouro Branco	Não vou ta em ob.	4	6
28	FDS			Fim de semana	FDS provavelmente ficarei forever alone.	1	16
29	promo		Truncamento	Promoção	Tem flat na promo?	1	17
30	face			Abreviação de Facebook	É sério ou é uma piadinha do face?	1	19
31	biblis			Encurtamento de biblioteca	Amanha a tarde a gente se encontra na biblis.	1	40

Item nº	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo nº
32	muda	Formal	Variação gráfica	O verbo “mudar”, no infinitivo.	(...) vai muda de opinião facinho...	1	4
33	to / tô			Encurtamento da forma verbal flexionada “estou”.	To precisando dum bom deal desses.	4	2,6, 20, 29
34	aneim			Expressão de desgosto, de desagrado (Ah, nem).	Aneim que triste.	1	4
35	Mel Dels / Meo Deos			Meu Deus	Mel Dels, que currículo maluco!	3	4, 22, 23
36	tb / tbn			também	Tb não vou ta em ob.	5	6, 18, 21, 24, 29
37	fuurooo			Furo, descompromisso	Fuurooo rrs Ana sexta ta de pé?	1	6
38	d+			demais	Vcs são d+.	3	9,13,35
39	vistooo			Expressão de intensidade	Já fez o vistooooo?	1	8
40	Qnd / qd			Quando	Ele chega quando?	1	8
41	pq			Por que / Porque/ por quê / porquê	Pq eu não consigo falar com vc?	2	9, 15
42	Msgs / msgn			Significa mensagem, no singular e no	Estou ligando e mandando msgs a horas	3	9, 40

Item nº	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo nº
		Formal	Variação gráfica	plural.			
43	d			de	... tenho q estar dentro d ksa.	1	9
44	ksa			casa	... tenho q estar dentro d ksa.	1	9
45	n / naum			não	Eu n estudo hj.	3	9, 35
46	hj			hoje	Eu n estudo hj.	3	9, 17, 38
47	precisandooo			precisando	Tem flat bonita na promo? Precisandoo	1	9
48	neeem			“nem” com intensidade	Neeem meeu éer	1	12
49	Meeeu			“meu”, com intensidade	Neeem meeu éer	2	12
50	éer / eh			é	Neeem meeu éer / Que numero eh?	3	12, 17, 39
51	kd			cadê	Uai kd os cutucas de plantão?	1	14
52	vo			Encurtamento da forma verbal flexionada “vou”.	Vo selecionar umas aqui.	3	15, 33
53	mto			Muito	Mto verdade, sabe?	1	17
54	shops			shopping	Te vi no shops hj	1	17
55	bj / bjo (s) / bjao			beijo	Muito bjs a todos.	3	17, 24, 34
56	tudoooo			“tudo” com intensidade	Obrigada por TUDOOO!	1	20
57	lindezaaaa			“linda” com intensidade	Lindezaaaaa!!	1	22

Item nº	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo nº
58	gnt	Formal	Variação gráfica	gente	... um monte de gnt me perguntou.	1	25
59	xopin			shopping	Xopin Oi... Dá uns role lá.	1	25
60	Tomá bagno			Tomar banho	tomá bagno, viu!	1	27
61	xulé			chulé	Xulé.	1	29
62	msm			mesmo	Tem um tempão mesmo.	3	29, 35, 36
63	oq			O que	Oq q ta arrumano?	1	29
64	arrumano			arrumando	Oq q ta arrumano?	1	29
65	abraçaaao			Grande abraço	_ Aparece la na cczs depois. _ Abraçaaao.	1	29
66	amocês			Amo vocês	Amocês, mininos.	1	28
67	mininos			meninos	Amocês, mininos.	1	28
68	buuuunittttaaaaa			“Bonita” com intensidade	Buuuuunittttaaaaa.	1	31
69	brigada			obrigada	Brigada meu bem.	2	32
70	muuuuito			“muito” com intensidade	Muuuuito longe do palco.	1	33
71	puuuts			Variação gráfica de “puta merda”, como expressão de espanto, admiração.	Puuuts, ao longo da festa ate 7 hrs eu bebo.	1	33

Item nº	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo nº
72	tigresaaaa	Formal	Variação gráfica	“tigresa” com intensidade, ênfase	Tigresaaaaaa eh suaa...	1	34
73	vlw			valeu	vlw.	1	34
74	amooo			“amo” com intensidade	Te amooo paixão.	1	34
75	saudadesssssssss			“saudade” com intensidade	Saudadesssssssss.	1	34
76	c			com	Quero muito voltar c meu namorado um dia.	1	34
77	gro			quero	O 1º eu gro td.	1	35
78	td			todo	O 1º eu gro td.	1	35
79	c			se	c naummmm fico ruim d+.	1	35
80	oia			olha	Oia só! Raxei viu!	1	35
81	garrado			agarrado	Ai vai ta todo mundo garrado.	1	35
82	caindoo			“caindo” com intensidade	É tão veloz qee vive tropeçando e caindoووو.	1	38
83	qntas			quantas	Pode me mandar qntas msg quiser.	1	40
84	ta / tá			Encurtamento da forma verbal flexionada “está”.	Tá com uma carinha de fofoo.	13	01, 02, 15, 25, 26, 29, 33, 34, 36, 38, 39, 40

Item nº	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo nº
85	vc / vcs / v6	Formal	Variação gráfica	Abreviação de “você” e “vocês”.	Vcs são ótimos.	33	1,9, 13, 24, 25, 26, 29, 33, 34
86	q			Abreviação de “que”.	Fingiram q não conhecia a gente.	14	1,9, 17,29, 34, 35
87	Loukas / loko (a)			Louca(s)	As novinhas estavam loukas	1	1, 12
88	pra / p			A preposição “para”.	Indo pra facul.	9	1, 9, 20, 26, 33
89	siiim			Sim, indicando a intensidade da afirmativa.	Siiim! Até que gostei visse!	1	6
90	deixo			O verbo “deixar”, no pretérito perfeito, na terceira pessoa.	(...) o relacionamento deles nunca deixo de ser intenso (...).	1	3
91	bapho			Variação gráfica de bafo. Ora significa fofoca, ora novidade.	Nossa... Que bapho!	2	3, 19
92	ooooooooo			Expressão de intensidade e alegria.	Oooooo Santa Rosa boa!	1	4
93	acerteeei			“acertei” com intensidade.	Eu acerteeei!	1	25

Item n°	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo n°
94	facul	Formal	Variação gráfica da forma truncada “facu”.	Faculdade.	Indo pra facul.	126	
95	feice		Variação gráfica da forma truncada “face”.	Abreviação aportuguesada de Facebook	Tem no meu feice aqui.	1	26
96	dal		Variação gráfica do estrangeirismo down.	Pessoa com dificuldade, desatenta. Advém de down (inglês) – Síndrome de Down	Isso nao e França não dal!	1	30
97	file	Semântica	Neologismo semântico	Refere à adjetivação positiva de algo: “muito bom”.	Umhas geracoes de alternativas ai fica file.	1	18
98	novinhas			Mulher muito jovem, adolescente.	As novinhas estavam loukas.	2	1

Item n°	Neologismo	Tipo de formação neológica	Tipo de formação neológica específica	Significado	Exemplo de contexto de uso	Frequência de uso	Anexo n°
99	cutucas	Semântica	Neologismo semântico	Pessoas que acionam o botão “cutucar”, no Facebook	Uai kd os cutucas de plantão?	1	14
100	Chaaaaaapar os coco		Neologismo semântico com variação gráfica	Beber muito.	Chaaaaapar os coco, de boassa.	1	33

Na análise da tabela de classificações neológicas, é perceptível que a maioria dos neologismos encontrados são do tipo formal, principalmente por variação gráfica. Afinal, dos 100 tipos listados, 89 são formais e, desses, 64 são formais por variação gráfica, e 25 são outros tipos, como mostrado no quadro a seguir:

Tabela 2 - Neologismos por quantidade

Neologismos		
Tipos	Quantidade	
Formais	89	
Fonológicos		10
Derivação parassintética		1
Derivação sufixal		7
Encurtamento de forma		1
Sigla		2
Truncamento		3
Variação gráfica		65
Estrangeirismos	7	
Semânticos	4	

Em relação aos estrangeirismos e neologismos semânticos, apenas 7 e 4, respectivamente, como mostrado também na tabela 2, correspondem a essa tipologia, de acordo com as palavras coletadas.

No gráfico que segue, é possível visualizar com nitidez essas diferenças.

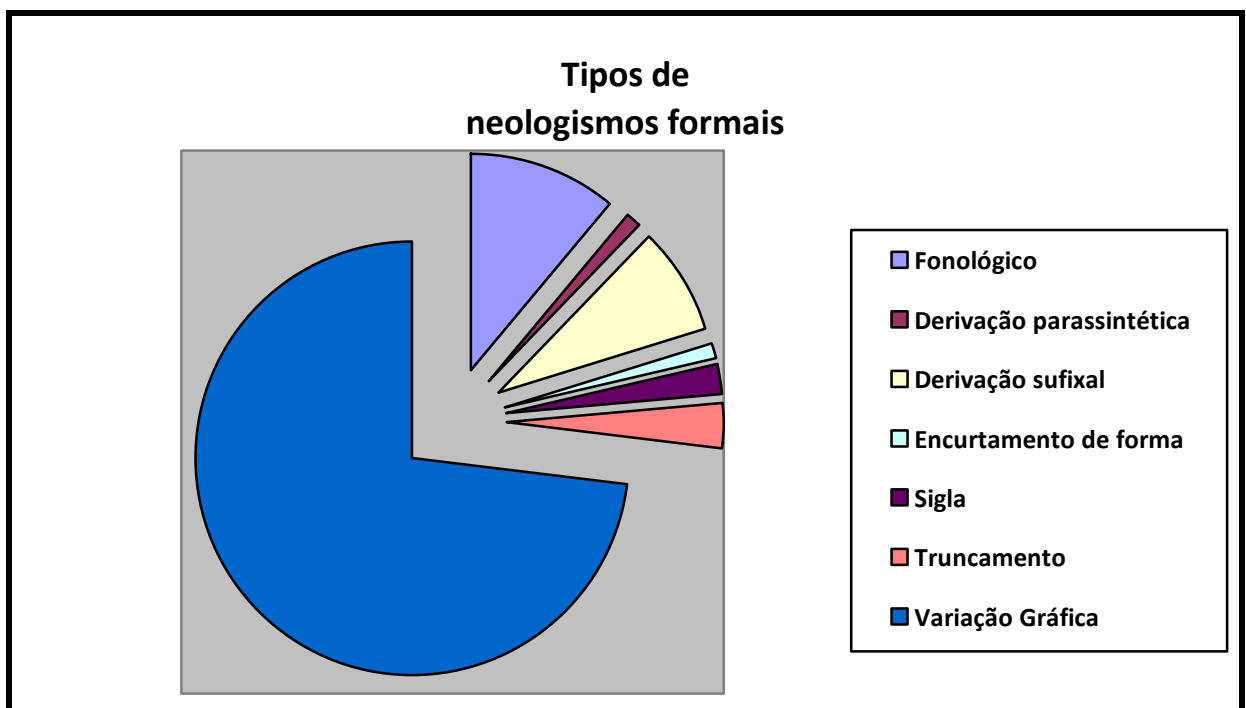
Gráfico 1- Tipologia geral dos neologismos



Por meio deste gráfico, a visualização das tipologias se torna mais evidente, o que explicita a produtividade lexical, principalmente do tipo formal, 90 %. Os outros tipos de neologia, embora apareçam em menor escala, 6 % e 4%, respectivamente, também são produtivos no ambiente do Facebook.

Vejam agora o gráfico dos neologismos formais:

Gráfico 2 - Divisão dos neologismos formais



Por esta amostra de unidades lexicais ainda não dicionarizadas, fica evidente que o que mais se manifesta na variedade linguística usada no Facebook é a grafia alterada das palavras, haja vista que o neologismo formal por variação gráfica é o mais frequente.

A geração da vez, denominada Geração Y⁷, tem feito um uso específico da linguagem a fim de atender aos seus propósitos comunicativos. Ela tem lançado mão de estratégias retóricas adequadas às características dos gêneros digitais disponíveis. Por isso, é comum aglutinarem semioses e promoverem modificações na grafia de palavras sem prejuízo à inteligibilidade do conteúdo. (XAVIER, 2011, p. 56)

Desse modo, a língua portuguesa é acrescida de inovações na grafia, mas isso não se mostra como uma peculiaridade tipicamente brasileira:

O curioso é que essa retórica digital, que parece surgir no seio das práticas discursivas de tal geração (Y), não é exclusiva da Língua Portuguesa. Ela parece efetuar-se também em outras línguas vivas. (...) Esse fenômeno também vem acontecendo em várias outras línguas, cujos inovadores também são da nova geração. (XAVIER, 2011, p. 57)

Contudo, a partir dessa situação, fica a dúvida, por parte de alguns estudiosos, se essas variações prejudicam os aprendizes na escola ou em outras situações de produção escrita.

Essa questão será discutida no capítulo 4, quando comentaremos sobre a escrita digital e a escola.

3.3. Considerações sobre os neologismos no Facebook

A partir da tipologia-base dos neologismos adotada, é possível notar que, independente do tipo de formação neológica, a competência de uso da língua é que se mostra como o mais importante para se reconhecer as habilidades de um usuário da língua, o que permite a ele produzir novas palavras. Assim, mesmo sem saber as nomenclaturas, os usuários do Facebook sabem como produzir/utilizar os neologismos e adequá-los a seu perfil comunicativo. Carvalho, em seus estudos, já afirma:

⁷ De acordo com Xavier (2011), a Geração Y compreende as pessoas nascidas a partir de 1980, momento em que a internet começou a fazer parte da vida das pessoas.

Língua e cultura formam um todo indissociável e, no caso da língua e da cultura maternas, esse todo não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos. Ele identifica os indivíduos como participantes de uma coletividade e serve de denominador comum para o convívio social. (CARVALHO, 2010, p. 419)

Desse modo, os indivíduos, por participarem de uma coletividade social, assimilam, inconscientemente, as regras da língua e, automaticamente, se capacitam para usá-las e experimentá-las em situações diversas.

Conhecimentos científicos, portanto, colaboram para mudar palavras de lugar, para alterar as letras, os acentos e os sentidos dos termos e para acrescentar expressões estrangeiras na língua nativa. Contudo, o conhecimento de uso da língua parece ser o que mais se faz presente no momento de construir novas significações. Afinal, no momento da comunicação, o que mais importa é saber usar a palavra certa, da maneira certa, no contexto certo.

Ressalta-se que “certo” aqui não é sinônimo de perfeição gramatical, mas sim de adequação. Ou seja, o usuário de uma língua precisa ter vivência nela para trabalhar suas habilidades e se tornar competente lexicalmente. Com isso, o vasto repertório existente no léxico estará mais facilmente à disposição do falante, haja vista que ele dispõe de habilidades para empregar e entender palavras e contextos em sua comunicação cotidiana.

É exatamente essa comunicação cotidiana que está presente no Facebook. Como os usuários são normalmente conhecidos entre si e também entre si se comunicam, os textos ali presentes são de uma linguagem simples, quase sempre igual ou próxima à modalidade oral da língua, o que lhes facilita o traquejo linguístico e lhes possibilita inovações na forma de grafar o texto, bem como na inserção de itens lexicais não dicionarizados ou estrangeiros.

Em nossa análise, entre os neologismos mais presentes está o neologismo gráfico, afinal, a aproximação com a língua oral é uma constante e, como a situação comunicativa é, na maioria das vezes, instantânea e com alto teor afetivo, os usuários escrevem como se conversassem, o que já é um hábito desde o início das conversas virtuais, os chamados *chats* ou bate-papos.

Também porque, em tempos de internet,

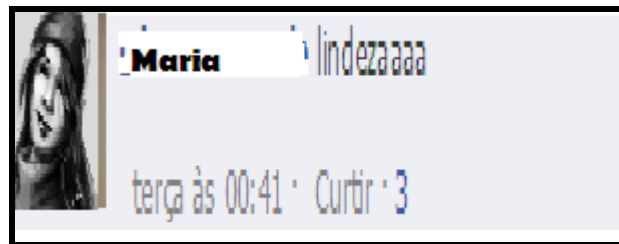
(...) as pessoas, cada vez mais, utilizam a tecnologia em busca dos seus benefícios, como uma capacidade comunicativa célere proporcionada pelos celulares, comunicadores instantâneos, *e-mails*, *chats* etc., os quais permitem o uso de inúmeros artifícios, na escrita, como as abreviaturas, a falta de pontuação e de acentuação, a aglutinação ou eliminação de sílabas, o uso de símbolos e imagens, entre outros. (STORTO; GALEMBECK, 2009, p. 1588)

Convém ressaltar, no entanto, que o que é chamado, nesta pesquisa, de neologismo gráfico são as palavras que não são encontradas, em sua forma de grafar, nos dicionários analisados. Devido a isso, as questões levantadas sobre modos de escrever na internet e seus aspectos enfáticos ou estilísticos – seja por acentuação, pontuação, estilo ou formatação de letra, repetição de fonemas – não são o foco neste momento. Desse modo, a definição de uma palavra como neologismo é concretizada pelo fato de ela existir ou não no dicionário, seja pela grafia, seja pelo significado de uso no contexto de análise.

A partir de então, situações em que os falantes se mostram mais breves, mais íntimos ou mais enfáticos são as que mais apresentaram grafias inovadoras. O texto digital, por sua flexibilidade nas redes sociais, permite uma língua escrita mais oralizada, o que não seria possível demonstrar tão claramente com usuais sinais de pontuação ou com grafia normalizada.

O exemplo a seguir ilustra essa ideia.

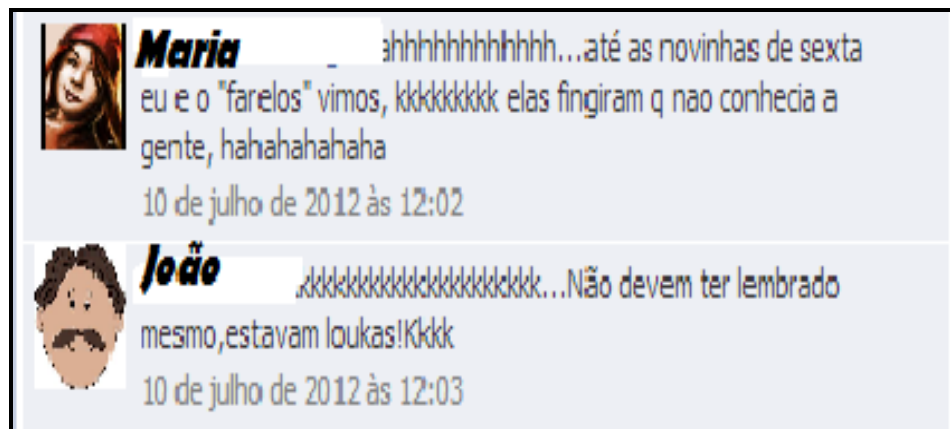
Figura 1 - Neologismo gráfico - ênfase



Note, no exemplo acima, que a palavra não sofre alteração de acento ou de grafia propriamente dita, porém a repetição gráfica da letra a é um indicativo de que o falante quer enfatizar o quão linda é a pessoa a quem ele se refere. Se o falante tivesse escrito apenas “lindeza”, o efeito de sentido não seria próximo ao estado emocional que ele parece querer demonstrar com a escrita da maneira que foi apresentada. Ou seja, a língua escrita nessa situação pretende evidenciar um sentimento, fato esse que é demonstrado mais facilmente quando usamos a língua oral.

Outro exemplo que elucida os traços orais do neologismo gráfico é o demonstrado a seguir:

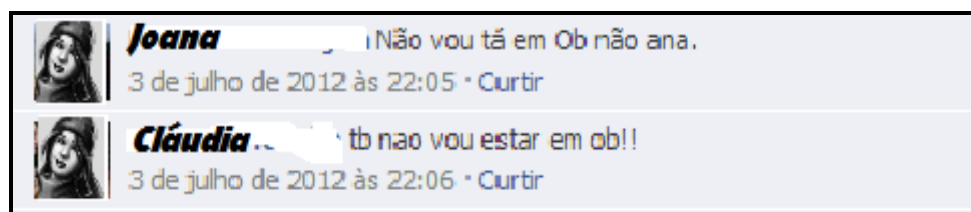
Figura 2 - Neologismo gráfico - emoção por escrito



Nesse exemplo, as expressões “kkkkkkkkkk” que se repetem no texto, destacam que o usuário achou graça de algo. No entanto, escrever “estou rindo” ou “achei engraçado” não é tão instantâneo quanto a escrita repetida de uma só letra, tampouco evidencia a intensidade da emoção do falante, como com se consegue com a produção de uma onomatopeia, a significar risadas.

Mais uma situação comum do neologismo gráfico é a de ser rápido na linguagem, haja vista que o tempo da escrita, nesse ambiente virtual, imita o tempo da fala, que também é breve. A figura seguinte destaca essa ideia:

Figura 3 - Neologismo gráfico – brevidade



Nessa figura, as expressões “tá”, “ob” e “tb”, indicando, respectivamente, “estar”, “Ouro Branco” e “também” sinalizam a economia de tempo dos usuários, ao utilizarem apenas duas letras em vez de cinco ou mais para cada palavra. É novamente a língua escrita acompanhando a língua oral, mesmo que apenas no quesito tempo.

Um outro exemplar do neologismo gráfico, porém dessa vez não necessariamente aproximando língua falada da escrita, é aquele que demonstra a perspicácia do falante e sua

nítida competência lexical para gerar sentidos em momentos em que a situação assim o permite, fazendo apenas trocadilhos das palavras, como na ilustração a seguir:

Figura 4 - Neologismo gráfico – trocadilho



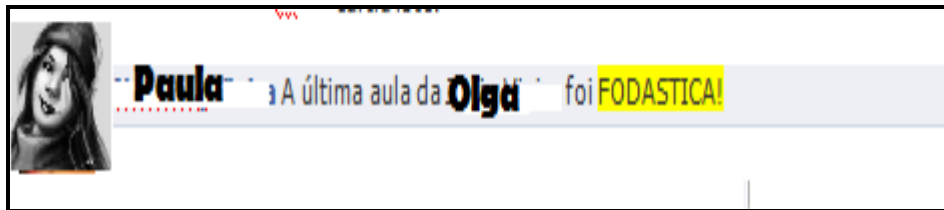
Na situação destacada, um usuário faz alusão ao linguista Marcos Bagno – de sobrenome estrangeiro, cuja pronúncia tem correspondente em português –, e o outro, aproveitando o ensejo, faz uma brincadeira com o nome, ao escrever “Tomá Bagno”. Essa situação demonstra a atenção do falante às possibilidades da língua, ao grafar neologicamente “tomá” em vez de “tomar” e de criar um novo modo de escrever – “bagno”, em vez de “banho” – a partir de um nome próprio de outro idioma, mas com som e sentido já conhecidos pelos brasileiros e identificados por eles no contexto de uso.

Situações como as mostradas, é que fazem com que estes dizeres de Biderman sejam validados: “(...) como os falantes utilizam as palavras livremente para etiquetar seus próprios processos de conceptualização, o significado estático das palavras registrado pelos dicionários não parece restringir as atividades cognitivas dos falantes.” (BIDERMAN, 1998[1], p. 103)

Diante disso, outros neologismos, como os formais (não gráficos), os semânticos e os estrangeirismos, embora não tão presentes nesta pesquisa, são também indicações de que a língua está viva e que é o usuário que a cria, que a reinventa, uma vez que ele é quem decide o que pode ser dito ou escrito, mesmo que apenas informal ou a momentaneamente.

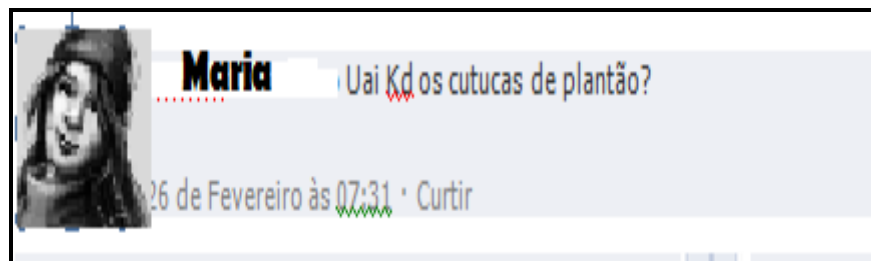
Na figura 5, a seguir, o exemplo da palavra “fodástica” é uma mostra da capacidade do usuário de criar além da própria palavra. Afinal, o sufixo “ástica” confere um sentido muito mais forte, mais enfático que a palavra “foda” sozinha seria capaz de conferir.

Figura 5 - Neologismo - Formal por sufixação



Já no exemplo seguinte, o usuário, por meio de observações do vocabulário do próprio Facebook, reutiliza, com novo sentido, uma forma léxica já existente e dicionarizada, referindo-se agora a uma “ação” existente na rede social. Dentro do Facebook, o ato de “cutucar”, embora seja, ou simule ser, o mesmo existente na realidade não virtual, é feito virtualmente. Ou seja, o usuário, caso queira chamar a atenção do outro, isto é, cutucá-lo de fato, aciona um ícone em sua página e escolhe a quem cutucar. O escolhido, por sua vez, recebe as mensagens: “Fulano cutucou você”, “Cutuque de volta” e decide o que quer fazer em seguida. Motivado com essa situação, um usuário nomeia aqueles que “cutucam” no Facebook, demonstrando suas habilidades de reconhecer as ofertas de sua língua:

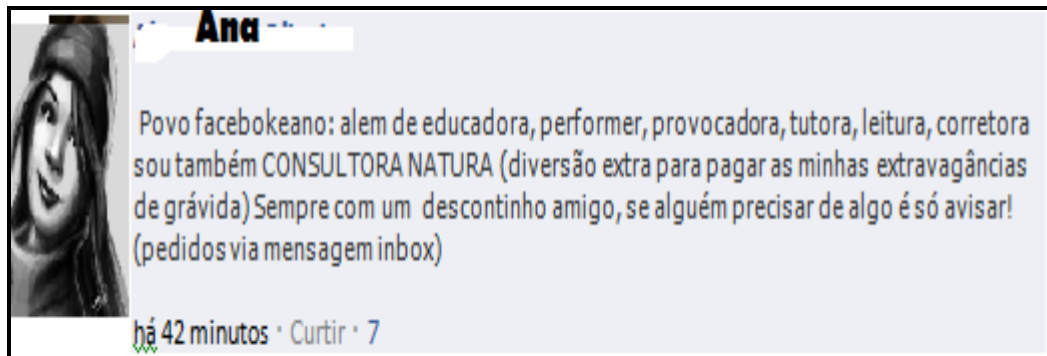
Figura 6 - Neologismo semântico



Em relação aos estrangeirismos, o Facebook e a internet de modo geral estão recheados de amostras de palavras de língua estrangeira, resultado da globalização. Os usuários, porém, ao conhecerem outros idiomas ou palavras de outros idiomas, muitas vezes mesclam, sabiamente, esses conhecimentos com o uso de sua língua materna, gerando, dessa forma, os estrangeirismos, ou seja, as palavras de outra língua, com significado e grafia dessa respectiva língua, porém usadas no português.

Na figura abaixo, a expressão “inbox”, pertencente à língua inglesa, é usada com o mesmo sentido da língua de origem, mas o usuário demonstra domínio do significado e contexto de uso, por isso denota competência para aplicá-la junto a seu vocabulário habitual:

Figura 7 - Neologismo - Estrangeirismo



Por fim, um outro exemplo de neologismo, que também convém destacar, é o que advém de uma onomatopeia. O falante, atento às palavras da língua, sabe que há muitas onomatopeias registradas nos dicionários e que, no entanto, há sons que precisam de uma grafia que os represente. Sabiamente, esses falantes criam novos registros da sonoridade para representar o que a língua, em sua vicissitude, sempre permite que seja feito. São, pois, criados os neologismos fonológicos, alguns por onomatopeia, como “own”, demonstrado a seguir:

Figura 8 - Neologismo Formal - Lexical Onomatopaico



Nas demonstrações apresentadas, portanto, é notório que o Facebook permite vários usos da língua, porém é o usuário que decide como fazer isso.

Desse modo, o conhecimento cultural, linguístico e lexical são fundamentais para melhor uso da língua.

3.4 Glossário dos neologismos digitais

A partir da análise dos neologismos encontrados, fica claro que a maioria deles se mostra nova devido a seu aspecto gráfico, principalmente. Isso quer dizer os usuários criam novas palavras com muita frequência, porém o que eles mais têm criado, no ambiente virtual, são novas formas de grafar os termos que eles já conhecem, fenômeno esse comum ao modelo de comunicação estabelecida nas interações pelo computador.

Desse modo, não seria novidade para os usuários o significado de tais itens lexicais, de modo geral. Porém alguns apresentam processos de formação de palavras frequentes e, para esses, resolvemos criar um glossário, o qual poderá servir de modelo para o professor trabalhar com os alunos, no momento de enfatizar esses processos, bem como, e principalmente, no momento de elucidar a importância do léxico e a dinamicidade da língua.

Tabela 3 - Glossário exemplar de neologismos

Item	Neologismo	Definição
1	hahaha	Onomatopeia que indica riso, gargalhada.
2	hehehe	
3	kkkkk	
4	facebookeano	Refere-se a pessoas que são usuárias do Facebook ou coisa que diz respeito ao Facebook
5	facebooklândia	Lugar do Facebook e de seus usuários e acontecimentos
6	OMG	Sigla de expressão inglesa “Oh, my God” (Oh, meu Deus!).
7	FDS	Sigla da expressão “fim de semana”.
8	aluníssimo	Aluno muito bom, excepcional.
9	engostosamento	Processo de ficar gostoso(a), isto é, apresentar o corpo esteticamente bem delineado.
10	cutucas	Usuários do Facebook que acionam o ícone “cutucar”, presente nessa rede social.

Elencamos apenas 10 (dez) palavras a título de exemplos. Seleccionamos aquelas que demonstram mais processos de formação de palavras, como derivação, prefixação, sufixação,

siglagem, como amostras do que o professor pode usar para evidenciar no dia a dia de seus alunos situações em que se criam novos vocábulos, e como esses estão presentes em quaisquer situações do cotidiano.

Dessa maneira, exemplos como “hahaha”, “hehehe” e “kkkkk” podem ser usados para o professor destacar a importância das onomatopeias e sua utilidade em um texto. Afinal, há muitos sons que não conseguimos definir e às vezes é preciso demonstrar de um modo mais próximo do real como ele é. As onomatopeias, portanto, nos ajudam a explicar por palavras, alguns efeitos sonoros e emocionais que não conseguiríamos se não tentássemos imitar um som. A grafia desse som, então, é de grande valia na cultura e no conhecimento linguístico do falante, fato esse que o aluno deve se dar conta em seus contextos comunicacionais.

Outros exemplos como “facebookeano” e “facebooklândia” ajudam o aprendiz a entender que palavras recentes no uso da língua, como Facebook, que é um estrangeirismo, podem também sofrer as mesmas regras do português. Isto é, um item lexical de um outro idioma pode ser também aportuguesado ou acrescido de afixos da língua portuguesa, sem causar estranhamento aos usuários da língua e mantendo-se o seu sentido de origem juntamente com as ideias adicionadas na língua de chegada.

Já exemplos como OMG e FDS são ferramentas indispensáveis ao docente que vai tratar do processo de siglagem. Os alunos terão esses e outros exemplos em seu dia a dia que comprovem que a siglagem é um fenômeno comum e constante na língua, inclusive quando ela é usada informalmente, como no Facebook.

No que diz respeito aos exemplos “aluníssimos” e “engostosamento”, essas são boas formas de apresentar ao alunado como os sufixos “íssimo” e “mento”, bem como o prefixo “em” podem ser utilizados pelos falantes. Isto é, a língua que os alunos utilizam na rede social também é composta por regras aprendidas na escola, e eles podem comprovar isso dentro de suas conversas virtuais.

Por fim, o exemplo “cutucas” é uma demonstração de neologismo semântico que o professor pode utilizar para evidenciar as novas palavras, pelos significados novos que apresentam, se inserindo no léxico da língua portuguesa, enfatizando a aceitação dos usuários, em um primeiro momento, e a talvez possível dicionarização e, conseqüentemente, desneologização da palavra, em um segundo momento.

Em todo o caso, no entanto, é preciso que se mostre ao aluno que há contextos apropriados para as várias modalidades da língua e que cada pessoa deve saber usar o seu estilo particular de acordo com cada situação comunicativa, como aponta Bortoni-Ricardo (2004, p.12) em “É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa

começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas”.

4 PERSPECTIVAS ESCOLARES

“Ao ingressarem na escola, os alunos devem tomar consciência da importância do léxico”.

Cláudio Cezar Henriques (2010, p. 105)

Com vistas a evidenciar a necessidade de os alunos perceberem o domínio que eles têm de sua própria língua e também para promover a competência lexical dos estudantes, serão propostas algumas abordagens que podem ser pensadas para o ensino em sala de aula.

Nessas abordagens, o material utilizado são os textos retirados do Facebook para esta pesquisa, os quais objetivam simplesmente mostrar como os usuários lidam com a língua portuguesa no seu dia a dia e como os alunos já dominam esse conteúdo. O foco central, então, é mostrar para o aluno que a língua é algo que ele conhece, e não um amontoado de regras que ele considera jamais ser capaz de aprender. Assim, acreditamos ser possível aproximar o aprendiz de uma realidade já conhecida por ele, o que pode facilitar-lhe o entendimento e provocar-lhe o interesse.

Selecionamos, portanto, 5 (cinco) perspectivas para trabalhar os neologismos em sala de aula:

- A primeira delas diz respeito à modalidade escrita do português brasileiro, na qual serão concentradas as mudanças que os usuários fazem na língua para atender a diversos efeitos comunicativos.
- A segunda diz respeito ao uso de afixos nos neologismos, os quais, também, conferem um outro efeito ou um sentido mais peculiar às palavras utilizadas pelos usuários.
- A terceira perspectiva se refere aos efeitos sonoros do texto digital, reproduzido principalmente pela criação de onomatopeias para representar a emoção do falante.
- A quarta é relativa aos itens lexicais que são autenticamente novos do ponto de vista da semântica e que evidenciam o caráter inovador da língua com uma criação antes inexistente em todos os aspectos (ortográficos, morfológicos, sintáticos e lexicais propriamente ditos).
- Por fim, o último olhar para as perspectivas está voltado para o caráter estrangeiro de algumas palavras utilizadas pelos usuários. Situação essa que

sugere a peculiaridade das línguas, tanto a materna quanto a estrangeira, e evidencia a preferência e a não aplicação de um item léxico natural de um idioma em vez de um traduzido para a língua de chegada. Ou seja, evidencia que os falantes conhecem as palavras estrangeiras quando as usam e reconhecem o sentido que eles desejam quando as empregam junto a sua língua nativa.

Cabe evidenciar que há necessidade de estudar a relação que as tecnologias, e neste caso, o Facebook, tem com a educação. Afinal, na era digital, é preciso que a escola saiba enxergar as ferramentas tecnológicas não como inimigas, mas como aliadas. Desse modo, os professores também precisam estar preparados para lidar com essa realidade e tentar evitar posições extremistas sobre os recursos digitais no ambiente escolar, como bem afirma Snyder:

Textos que admitem tais posições extremas (uso desenfreado de tecnologias nas salas de aulas e não uso de tecnologias na educação em plena era da informática) têm um impacto cultural enorme, moldando as formas que nós pensamos sobre as novas tecnologias. Sendo tanto consumidores da cultura quanto professores do letramento, nós precisamos ser capazes de identificar esses textos, entendê-los e achar formas efetivas de lidar com eles em nossas salas de aula. Por quê? Porque isso é parte da nossa responsabilidade profissional em tempos digitais. (SNYDER, 2009, p. 24)

O que pretendemos evidenciar, dessa forma, é que a escola, por ser um local de formação, deve aproveitar o interesse do aluno pelas tecnologias e usá-lo a seu favor. Afinal, como diz Toledo (2007, p. 99), “O que importa, mesmo, é a discussão sobre como a escola pode aproveitar a tecnologia disponível em dado momento, contribuindo, mais do que para a informação dos indivíduos, para a sua formação, centrada na cidadania”.

Em outras palavras, o fato de a língua utilizada no Facebook ser, de modo geral, uma variedade da língua que não segue as normas gramaticais, não pode ser motivo para o corpo docente ou a direção da escola rejeitar o trabalho linguístico que explore tal variedade na sala de aula. Afinal

(...) não há motivos para grandes preocupações em relação às “modificações” realizadas pela Geração Y na forma híbrida de produzir mensagens em determinados gêneros digitais, como podem pensar alguns educadores. Trata-se apenas de uma utilização mais flexível dos grafemas do léxico da língua em uma dada situação comunicativa e não de uma vontade deliberada de que a tal palavra seja definitivamente modificada e dicionarizada.

Portanto, as variações morfológicas com impactos fonéticos-fonológicos não tornam as palavras modificadas ilegíveis, nem os atos de fala incompreensíveis; elas podem tornar o processamento cognitivo mais lento, já que o cérebro ficará à procura da

inteligibilidade possível a partir das novas formas das palavras, se elas ainda não estiverem bem engramadas na mente do interlocutor. (XAVIER, 2011, p. 52)

Isto quer dizer que escola, alunos e professores precisam estar juntos em todas as transformações pelas quais a sociedade passa para entenderem as mudanças e tirar o melhor proveito delas. Para isso, a tríade por eles formada precisa assumir um papel conjunto capaz acompanhar tais transformações e aplicá-las de modo formativo na educação do aprendiz.

Em relação às variações sociais relativas à língua portuguesa, as mais incidentes na atualidade, como já sabemos, estão nos meios digitais. Devemos, então, entendê-las e usá-las na formação do aluno objetivando desenvolver e ampliar a competência lexical desse cidadão.

4.1 Das perspectivas

Pretendemos explorar, nesta seção, as perspectivas mencionadas anteriormente para tornar possível o ensino da língua portuguesa mediante conteúdos normalmente vistos como agressivos ou empobrecedores⁸ para a língua de Camões.

4.1.1 Modalidade escrita do português brasileiro

De modo geral, percebem-se com facilidade desvios gramaticais na língua escrita nas redes sociais. Escrita essa que, muitas vezes, é estigmatizada como inferior pelas próprias escolas, como bem salienta Carvalho:

O estudo das variedades da Língua Portuguesa, com a ajuda das teorias sócio-linguísticas, é necessário para conhecer as distâncias e divergências entre o dialeto popular e de prestígio. Aliás, o comportamento da escola reforça a estigmatização dos dialetos populares. O cerne do problema do ensino de Língua Portuguesa não seriam os métodos e técnicas e não estaria afeto a planejadores e pedagogos. Manipular técnicas sem ter conteúdo é operar no vazio. (CARVALHO, 2010 [1], p. 63)

⁸ Agressivos ou empobrecedores são algumas das maneiras de se considerar o português das redes sociais por alguns estudiosos. Isto é, como a maior parte desses textos digitais é escrita em variedade próxima da língua oral ou com erros de norma gramatical, a língua ali utilizada é vista como inferior, agressiva, empobrecedora do pensamento.

Como se nota, no trecho de Carvalho, a variedade popular da língua é desprestigiada no ambiente educacional, pois o que se evidencia normalmente é que a língua culta, a língua de acordo com o que prega a gramática, é a melhor. Isto é, como se não houvesse um contexto ideal para ela, e como se as pessoas sempre se comunicassem, com quem quer que seja, seguindo impecavelmente as normas gramaticais.

No entanto, no dia a dia, os usuários da língua se comunicam seguindo sim uma regra linguística, mas não é a variedade padrão culta, pelo menos não a todo o tempo. As pessoas, dependendo do lugar em que se encontram, dos interlocutores com quem conversam, do contexto em que estão inseridas, adaptam seu discurso à situação comunicativa que lhes é apresentada. Assim é também no Facebook, já que a rede permite diversos tipos de variação linguística em situações simultâneas. Por isso, o que mais se destaca nesse ambiente é a capacidade que os usuários têm de escreverem de uma maneira para a qual não há um registro formal para ela. Ou seja, eles evidenciam com facilidade modos de escrever as palavras que são entendidos pelos usuários, mas para os quais não encontramos documentos oficiais – os dicionários gerais da língua portuguesa – que as registrem.

Dessa maneira, portanto, o que mais ocorre no Facebook é o uso escrito de uma variedade sem prestígio, do ponto de vista da gramática normativa, mas que é verdadeira, é usual, é natural do falante, já que ele não se vê em uma situação de pressão comunicativa.

São situações como essa que o professor deve aproveitar para trabalhar a língua portuguesa. Afinal, a partir daí se tem exemplos concretos de que a língua não se reduz à regras gramaticais apenas, mas que ela é um conjunto maior de palavras existentes no léxico e que se encaixam em contextos diferentes de uso, uma vez que tem objetivos distintos.

Vejamos, por exemplo:

Figura 9 - Exemplo variantes linguísticas na língua escrita



No exemplo acima, as expressões “vcs” e “vlw”, vocês e valeu, respectivamente, são mostras de palavras que são informais do ponto de vista da grafia. Desse modo, os dicionários

não as registram e, talvez por isso, são vistas como palavras aquém daquelas que constam nos dicionários. Afinal, o que se vê normalmente é que “A modalidade popular de Língua Portuguesa não está sendo bem trabalhada na escola, que se baseia na norma culta e no dialeto de prestígio como objetivo”. (CARVALHO, 2010[1], p. 63)

O aluno, contudo, ao lidar com textos como esse, tanto em sala de aula, como em **seu** dia a dia, e assessorado pelo professor, terá condição de perceber que existem momentos ideais para usos como esse.

Além disso, com o auxílio do corpo docente da instituição de ensino, ele perceberá que a ciência linguística tem uma carga sócio-cultural muito grande, o que poderá explicar a ocorrência dos neologismos gráficos

Isto é, a variação linguística, seja na escrita ou na fala, na modalidade culta ou popular, no regionalismo ou não, é algo para ser assimilado pelo aluno e entendido como um fenômeno natural das línguas de modo geral.

O professor poderá, então, se valer de vários neologismos gráficos para evidenciar esse fenômeno linguístico e enriquecer sua aula, além de propiciar uma proximidade maior com o seu aluno.

4.1.2 Neologismos por derivação afixal

Uma outra situação favorável para o ensino de língua materna é a questão dos afixos. De modo geral, os estudantes e usuários da língua tendem a não decorar nomes de regras de formação de palavras, mas são completamente capazes de entendê-las e, inclusive, de usá-las, principalmente quando diz respeito à questão de prefixação e sufixação.

Afinal, as pessoas entendem para que servem os afixos e sabem também o significado que eles têm e que efeito de sentido geram junto às palavras lexicais. Por isso é que “(...) os processos de formação de palavras mais usados no português atual são, por ordem de importância, a sufixação, a prefixação e a composição que, juntos respondem por cerca de 90% da formação de novas palavras a partir de material já presente na língua”. (ILARI, 2002, p. 85)

Devido a essa situação é que em contextos, como os do Facebook, por exemplo, que permite uma escrita mais informal da língua, algumas palavras que não caberiam receber

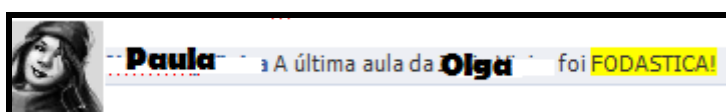
prefixos ou sufixos são recicladas pelos usuários com novos sentidos ao se agregar um elemento da formação de palavras.

Os exemplos a seguir ilustram essa ideia:

Figura 10 - Exemplo 1: Afixos



Figura 11 - Exemplo 2: Afixos



Nas figuras 10 e 11, palavras como “Facebooklândia” e “fodástica”, cujos sufixos são **-lândia** e **-ático(a)**⁹, são exemplos evidentes de que o usuário sabe como usar um sufixo e sabe também que sentido esse sufixo confere à palavra. É interessante notarmos, ainda, que Facebook não é uma palavra brasileira, tampouco está dicionarizada, porém o usuário já consegue conceber como trazer um sentido novo dentro da língua portuguesa a partir do conhecimento das regras de formação de palavras dessa língua.

Em relação à “fodástica”, é importante que se note que a palavra “foda” sozinha, na frase empregada, é um adjetivo, e que, por isso, na língua portuguesa, ficaria gramaticalmente aceita se fosse usada junto a um advérbio, como “muito foda”. Contudo, o usuário da língua, no contexto da frase, quer dizer que a aula foi excepcionalmente boa, por isso é que ele usa um sufixo que confere uma emoção maior ao item léxico, razão pela qual ele usa “fodástica”.

⁹ **-ático**, sufixo do latim ‘-aticus’ (composto do elemento **-at-** + o sufixo **-ico**, ‘icus’), que se presta para formar adjetivos, como em *acrobático*, *aromático*, *geostático*, *hepático*, *problemático*, *sintomático*. No caso em foco, houve a flexão de gênero e a variação gráfica com o acréscimo de **-s**.

Isso quer dizer que além das regras da língua, há também regras lexicais já conhecidas pelos usuários que os faz adaptar as palavras a contextos comunicativos, sejam eles contextos de língua culta ou não. Razão essa que explica a afirmativa de Biderman:

É importante também concluir que a transmissão do repertório lexical de geração em geração através da educação informal e formal exerce papel importante na categorização/conceptualização do universo, ao fornecer ao indivíduo um estoque de nomes já codificados nessa cultura. (BIDERMAN, 1998[1], p. 103)

Assim, o professor de língua materna pode trabalhar com palavras de fato conhecidas e empregadas pelos alunos no seu cotidiano para que esses assimilem com mais facilidade as regras de formação da língua, bem como as percebam sendo praticadas no dia a dia por si próprios.

Afinal, os estudantes, ao empregarem regras de formação que eles já dominam, poderão entender mais facilmente como funciona o léxico e desenvolverão sua competência comunicativa.

4.1.3 Neologismo fonológico na rede social

Mais uma forma de se trabalhar a língua portuguesa na sala de aula, aproveitando o conteúdo dos gêneros virtuais emergentes do Facebook, é explorando as sensações sonoras e como elas são grafadas na rede.

Ou seja, o professor pode se valer de textos da rede social em questão para explicar efeitos, como a onomatopeia, por exemplo, e aproveitar a oportunidade para discutir a grafia formal e a informal dos textos em geral, enfatizando momentos adequados para se usar uma ou outra. Nas palavras de Xavier:

Defendo que o uso dos gêneros digitais da internet não prejudica a aprendizagem da escrita pelos adolescentes. Antes, deve servir de contraponto para a escola alertar esses usuários sobre a necessidade de se comportar diferentemente diante dos vários gêneros e suportes textuais e assim adequar a escrita a cada um deles. Não se trata de uma esquizofrenia dos adolescentes ao escreverem na rede de um jeito e na escola de outro. Entretanto, é preciso despertá-los para as diferenças de comportamento linguístico diante dos diversos gêneros e contextos comunicativos. Eis que a internet surge mais como ferramenta de auxílio à aquisição das habilidades de leitura e escrita do que como um novo empecilho para o domínio dessas habilidades. (XAVIER, 2012, p. 4)

Desse modo, usar palavras com escrita informal seria uma maneira de mostrar para o aluno que a ciência da língua nasce a partir do uso que ela tem, e não o contrário. Isto é, a ciência analisa o que existe, para depois criar categorias de definição. Porém, é preciso que o aluno saiba que isso não significa que todas as questões linguísticas, mesmo sendo estudadas no uso, são necessariamente aceitas pelas normas sociais.

As onomatopeias são, portanto, boas amostras de uso da língua que podem vir a se tornar dicionarizadas. Afinal, a grafia do som de algum barulho é uma tentativa de se dar nome a esse barulho ou de se referir a ele com mais precisão.

Figura 12 – Neologismos fonológico



Na figura 12, expressões como “kkkkkk” e “hahaha”, que imitam um riso, uma gargalhada, são usadas constantemente pelos usuários, e eles sabem que se trata de um som e sabem também quando e com quem usá-las.

Isso evidencia que o professor não precisará explicar aos alunos o que eles já sabem, mas poderá tomar as expressões como exemplos para evidenciar outros já consagrados na língua e explicitar as onomatopeias do Facebook como um dos casos de surgimento de palavras.

4.1.4 Neologismos semânticos

Em sala de aula, uma maneira de o professor comprovar a relação da língua com a sociedade é apontando as palavras que as pessoas têm usado no seu dia a dia. Ou seja, é evidenciando para os alunos que os fenômenos linguísticos sofrem influência externa à língua, já que fazem parte de um conjunto maior, o conjunto sociocultural do indivíduo.

Dessa maneira, os acontecimentos pelos quais a sociedade passa são fatores de grande influência nos nossos costumes e em nossa comunicação. Por isso é que determinadas palavras caem em desuso e outras aparecem, já que determinados costumes e situações sociais param de existir ou adquirem outra formatação.

Exemplos são as palavras “novinhas” e “cutucas”, que aparecem nas figuras a seguir:

Figura 13 - Exemplo 1: Neologismos semânticos

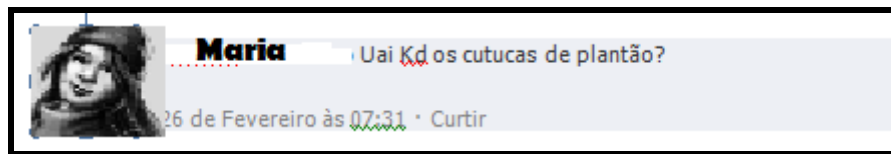


Figura 14 - Exemplo 2: Neologismos semânticos



Palavras, como as evidenciadas, surgem na comunicação devido a motivações culturais e de nova formatação, respectivamente. No caso de “novinhas”, a palavra ganhou força depois de ter sido usada em letras de músicas de estilo funk, dando um novo substantivo para o significado “meninas muito jovens”. Ademais, na atualidade, o uso da expressão é pejorativo e sugere, além da idade assaz juvenil de uma determinada mulher, um ar depreciativo dessa menina, já que normalmente há um apelo sexual muito forte, o que conduz a pessoa chamada de “novinha” a uma imagem vulgarizada.

Já em “cutucas”, a expressão se refere a usuários do Facebook, que fazem uso do dispositivo “cutucar” da referida rede. Embora esse dispositivo se refira ao próprio ato físico de cutucar, no ambiente digital ele é apenas uma metáfora desse ato, uma vez que não se pode virtualmente cutucar alguém de modo tátil, mas se pode pelo menos chamar a atenção dessa pessoa, que é o objetivo do cutucar no Facebook e no mundo físico.

Em todo o caso, quando o usuário utiliza o termo “cutucas”, ele gera uma nova palavra a partir de uma nova formatação da palavra “cutucar” e do seu uso no Facebook. Afinal, fora da rede, “cutucar” é apenas acotovelar alguém, chamando-lhe a atenção. Porém, na rede

social, “cutucar” é uma extensão não tátil dessa mesma ideia e gera, inclusive, um substantivo, classe gramatical não existente em relação ao cutucar fisicamente alguém.

Esses são, pois, bons exemplos que o professor pode usar para mostrar que o que acontece na vida social se reflete na língua e a modifica, a reconstrói e a expande lexicalmente.

4.1.5 Estrangeirismos

Por fim, uma outra perspectiva que o professor pode adotar para trabalhar a língua materna é mostrando para o aluno como o idioma estrangeiro sai de seu local de origem e começa a fazer parte de um outro ponto de chegada. Ou seja, o estrangeirismo é a palavra que é completamente estranha a um idioma nativo, mas que já está sendo usada pelos falantes dessa língua nativa em conjunto com regras que a língua materna possui.

Desse modo, o professor pode mostrar para os alunos que toda língua sofre influência de estrangeirismos, mas que há como lidar com eles:

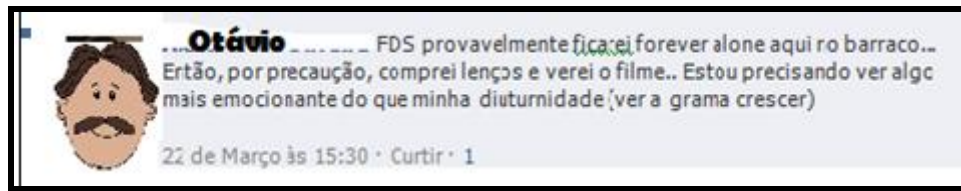
Nenhuma língua escapa de sofrer influências externas; no patrimônio lexical mais antigo da língua portuguesa já se encontram palavras criadas em outras línguas, em particular o provençal, o espanhol e o árabe. Outras línguas que exerceram influência sobre o português do Brasil são o francês, o italiano e o alemão, além, é claro, das línguas africanas e das línguas indígenas brasileiras. A língua que exerce hoje a mais forte influência sobre o português do Brasil é o inglês. (ILARI, 2002, p. 73)

No caso do Facebook, exemplos como “deal” e “forever alone”, nas figuras a seguir, podem demonstrar o conhecimento de palavras estrangeiras por parte dos usuários e também a facilidade que eles têm em empregá-las dentro do português. É notável, nos trechos que seguem, que é possível traduzir as palavras para a língua materna, porém o desejo dos usuários foi conservar a força que essas palavras têm em sua língua de origem para que elas não percam sua identidade, nem o sentido mais próximo que o usuário quis expressar.

Figura 15 - Estrangeirismos 1



Figura 16 - Estrangeirismos 2



Isso significa que muitas palavras podem ter correspondentes em línguas distintas, mas, em algumas circunstâncias, o usuário se vale do emprego na língua de origem para dar mais força a ideia que ele pretende passar. Afinal, o estrangeirismo é uma palavra que não pertence ao idioma de um país, mas que é usada como na língua de sua proveniência, isto é, sem adaptações em sua grafia e com o sentido original de sua proveniência territorial.

Ou seja, o usuário da língua demonstra ter competência linguística o suficiente para entender minimamente as regras de funcionamento de sua língua para, em seguida, perceber o que pertence a ela ou não e como essa palavra de outro idioma pode ser usado no português.

Vale dizer, então, que o estrangeirismo, como uma expressão neológica, pode sim ser aproveitado para o ensino do idioma nativo. O professor deve saber explorar a palavra do outro idioma e trabalhar todo o contexto de uso do falante para mostrar as circunstâncias de uso, o interlocutor, a aplicação na língua materna e que variedade do português tem sido usada. Nesse momento, portanto:

Deve-se fazer com o ensino da língua materna aquilo que se faz no ensino de línguas estrangeiras: um estudo contrastivo. Apesar de respeitar o dialeto do aluno, o professor deve ensinar o dialeto padrão, pois a língua de cultura é um instrumento de luta social e não temos direito de sonegá-lo às classes populares. (CARVALHO, 2010[1], p. 64)

Pode-se, dessa forma, como prega Carvalho, utilizar o estrangeirismo para lembrar ao aluno que há situações específicas de uso de termos estrangeiros na língua portuguesa.

Afinal, o papel do professor é não somente divulgar o conhecimento científico e o conhecimento pragmático, mas ensinar a dosá-los em situações cabíveis e distintas da língua de modo a tornar o aluno cada vez mais proeminente em seus conhecimentos linguísticos e mais competente no uso do léxico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A competência lexical desenvolve-se ao longo da vida, dependendo em grande parte de fatores externos ao próprio indivíduo.”

Margarita Correia (2011, p. 230)

A língua, em sua dinâmica e variação constante, possibilita que o léxico aumente seu número de palavras a todo o tempo. Porém, esse aumento é devido às necessidades socioculturais dos falantes, que, acompanhando as transformações da sociedade, imprimem na fala e na escrita novas unidades lexicais na língua.

Essa realidade nos foi possível identificar na escrita dos usuários do Facebook, os quais, em quase todos os textos analisados, privilegiaram as inovações na grafia das palavras. Desse modo, embora inovações semânticas, formais e estrangeirismos tenham ocorrido, novas maneiras de se escrever palavras já conhecidas pelos falantes é algo comum no meio virtual do Facebook.

Esses falantes, em sua maioria, sabem escolher o tipo de escrita adequada à certa situação comunicativa e, por isso, enfatizar a escrita do Facebook na sala de aula, de maneira que se privilegie um objetivo ao trabalhá-la e que se mostre aos alunos o funcionamento da língua em seu uso natural¹⁰ é uma tentativa de se buscar o ensino de língua portuguesa atrelado à realidade vivida pelo aluno.

Com isso, o aluno percebe que o conteúdo científico que lhe é passado em sala de aula não está distante de seu cotidiano, desde que, também, ele seja estimulado a ativar suas habilidades lexicais e a usá-las em conformidade com os contextos que se lhe apresentem.

Isso quer dizer que os gêneros virtuais emergentes podem sim ser usados no ambiente escolar, mas é preciso que o professor seja o mediador da aula e, assim, mostre para o aluno que a língua portuguesa é viva e que, por isso, sofre variações, como as da escrita no Facebook.

A partir disso, o professor, ao identificar o léxico do aluno, pode trabalhar a ponto de desenvolver a competência lexical desse aprendiz, de modo que lhe seja possível evidenciar os usos da língua em variadas circunstâncias sociocomunicativas.

¹⁰ Natural aqui é entendido como o uso das palavras fora de uma situação ficcional, ou seja, é o uso das palavras em situações reais de uso da língua em que o usuário não precisa se policiar para verificar qual palavra está empregando e se esta palavra está ou não formal, se está gramaticalmente correta ou não. É, pois, um uso que o falante da língua utiliza em seu dia a dia, sem se preocupar com normas linguísticas.

Afinal, o ensino da língua portuguesa tende a ser mais eficaz se se capacita o aluno a utilizar o seu léxico, sem que ele deixe de entender o funcionamento de sua própria língua. O Facebook e os seus textos emergentes, portanto, são apenas uma pequena mostra das muitas variações do português do Brasil, e os neologismos ali presentes simplesmente evidenciam essa realidade.

Portanto, destacar a importância de se desenvolver a competência lexical é o que se pretendeu com este trabalho, uma vez que reconhecer as possibilidades que a língua oferece é uma demonstração de usuário competente em sua própria língua. Contudo, muito ainda há de ser feito para desenvolver essa competência nos alunos em sala de aula de língua materna. Esta pesquisa trouxe um recorte, mas muito outros podem e precisam ser estudados para melhorar a educação no Brasil e o ensino de língua materna como um todo.

BIBLIOGRAFIA

A HISTÓRIA do Facebook: Mark Zuckerberg. Disponível em: <<http://www.agenciars.com.br/blog/historia-do-facebook-mark-zuckerberg/>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

ABREU, Verena Santos. **O Léxico na Internet: Análise de Neologismos em Comunidades do Orkut.** 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem. UFPE, 2010. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Verena-Santos-Abreu.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2012.

ABREU, Verena Santos. **A escrita digital em scraps e a escrita de bilhetes/recados em sala de aula:** um estudo sobre variação e transmutação de gênero textual. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). 190f. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. 2011.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).** 5 ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA FILHO, Agenor. **Caracterização da escrita no ciberespaço:** convergências e divergências em salas de bate-papo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín, 2011, Curitiba. Disponível em: http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Agenor_Almeida_Filho.PDF. Acesso em: 07 fev. 2012

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo:** criação lexical. São Paulo: Ática. 1990. 93 p. (Série Princípios)

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAÚJO, Júlio César. Internet e Ensino: Novos Gêneros, Outros Desafios. In: ARAÚJO, Júlio César (Org). **Internet e Ensino:** Novos Gêneros, Outros Desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital:** Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. Editora Digital Lexicon. 2013.

BATISTA Júnior, José Ribamar Lopes; SILVA, Francisco das Chagas Rodrigues da. **Gêneros textuais, virtuais e redes sociais:** práticas de leitura e escrita no ensino médio profissionalizante. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem. UFPE, 2010. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/>>

Anais-Hipertexto-2010/Jose-Ribamar-Lopes&Francisco-das-Chagas-Silva.pdf>. Acesso em 08 fev. 2012.

BELLEI, Sérgio. Autores, leitores e a nova textualidade. In: **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Márcia Abreu; Nelson Schapochnik (Orgs). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998 [1].

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998 [2].

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e teoria computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BISOGNIN, Tadeu Rossato. **Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut**. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CARVALHO, Nelly. A unidade lexical no discurso publicitário regional. In: **Cadernos do CNLF**. Vol. XIV, n. 2, t. 1, 2010, p. 419-424. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xivcnlf/tomo1/419-424.pdf>> Acesso em: 20 dez 2012.

CARVALHO, Nelly. **Crônicas do cotidiano**. Recife: PPGL - UFPE, 2010[1]. 224 p. (Coleção Letras).

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no Facebook. In: SHEPHERD, Tania G; SALIÉS, Tânia G. (Orgs). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto. 2013, p. 77-92.

CORREIA, Margarita. Produtividade lexical e ensino de língua. In: VALENTE, André C.; PEREIRA, Maria Teresa G. (Orgs) **Língua portuguesa: descrição e ensino**. S. Paulo: Parábola editorial, 2011, p. 223-237.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico B. Ler, escrever, editar comentar, votar... Os desafios do letramento digital na web 2.0. In: **Língua Escrita**. Universidade Federal de Minas Gerais - Ceale - Faculdade de Educação - n.1 (2007). Belo Horizonte: FaE/UFMG, n.2, dezembro 2007, p. 70-87.

FRAGOSO, Suely *et al.* **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239p. (Coleção Cibercultura)

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida. **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 217 – 234.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília. (Orgs). **Língua portuguesa, educação e mudança**. São Paulo: Europa, 2008.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Neologismos semânticos na publicidade impressa: uma abordagem cognitivista. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, volume IV. 1 ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009, v. IV, p. 65-80.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Publicidade: a linguagem na inovação lexical. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Produtividade lexical no português brasileiro: o que pode informar um laboratório de neologismos? In: PERNAMBUCO, Juscelino; FIGUEIREDO, Maria Flávia. CÂMARA, Naiá Sadi. (Orgs). **Textos e contextos**. Franca: Universidade de Franca. 2012. 184 p. (Coleção Mestrado em Linguística, 7)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertextos multimodais: Leitura e escrita na era digital**. Jundiaí: Paco Editorial. 2010.

GOMES, Alex Sandro *et al.* Colaboração, comunicação e aprendizagem em rede social educativa. In: XAVIER, Antônio Carlos S. *et al.* **Hipertexto e cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2011, p. 235-271.

GUILBERT, Louis. **La Créativité Lexicale**. Paris: Larousse, 1975. 285 p.

GUIZZO, Érico Marui: **O que é, o que oferece, como conectar-se**. São Paulo: Ática, 1999. HENRIQUES, Claudio Cezar. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010, v. V, p. 99-116.

HEINE, Palmira. Considerações sobre o hipertexto e os gêneros virtuais emergentes no seio da tecnologia digital. In: **Revista Inventário**. 4. ed., jul/2005. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/04/04pheine.htm>>. Acesso em set. 2012.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS. 2010, v. 7.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.

LEAL, A. A. Os exercícios de vocabulário nos livros didáticos. In: A. P. Dionísio; N. S. Beserra (org.) **Tecendo textos, construindo experiências**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993. (Coleção Trans)

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996. (Coleção Trans)

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34. 1999. (Coleção Trans)

LOREDO. O Facebook Brasil em números. In: **Blog Dito Internet**. Fev. 2013. Disponível em: <<http://blog.dito.com.br/2012/02/o-facebook-brasil-em-numeros/>>. Acesso em mar. 2013.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

PESSOA, Katia Nepomuceno. Formação de palavras na internet: o uso das abreviações nos bate-papos. In: **Ao pé da letra**. V. 2, 2000, p. 109-116.

RECUERO, Raquel. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet**: Uma proposta de estudo. Ecompos, Internet, v. 4, n. Dez 2005, 2005.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo**. Curitiba: Ícone. 1989.

SANDMANN, Antônio José. **Competência lexical**: produtividade, restrições e bloqueio. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SANTOS, Else Martins dos. **O chat e sua influência na escrita do adolescente**. 2003. 141 f., enc: Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

SIMÕES, Darcília M. P.; ARAGÃO Maria do Socorro. **Iconicidade do léxico e repertório discente**. Comunicação apresentada no ABRALIN em Cena Espírito Santo no período de 26 a 29 de maio de 2009. 2009. Disponível em: <<http://www.darciliasimoes.pro.br/textos/docs/textos30.doc>>. Acesso em 20 dez 2012.

SNYDER, Ilana. Ame-os ou deixe-os: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, M. (Orgs). **Letramentos na Web**. Fortaleza: UFC, 2009, p. 23-45.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, v. 23, n.81, p. 143-160, dez., 2002.

STORTO, Letícia Jovelina; GALEMBECK, Paulo de Tarso. A escrita virtual influencia a escrita escolar? In: **CELLI** – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais do 3º CELLI. Maringá, 2009, p. 1588-1597.

TOLEDO. Hércules Corrêa. A escola e as práticas de leitura e escrita em tempos de internet. In: **Língua Escrita**. Universidade Federal de Minas Gerais - Ceale - Faculdade de Educação - n.1 (2007). Belo Horizonte: FaE/UFMG, n.2, dezembro 2007.

XAVIER, Antônio Carlos S. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. S. (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

XAVIER, Antônio Carlos S. A dança das linguagens na web: critérios para a definição de hipertexto. In. Silva, Thais Cristófar, Mello, Heliana (Orgs.). **Conferências do V Congresso Internacional da ABRALIN**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007

XAVIER, Antônio Carlos S. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais na Internet. In: **NEHTE** – Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional. UFPE. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Reflexoes%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20generos%20digitais-Xavier.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2012.



XAVIER, Antônio Carlos S. A retórica digital nas redes sociais. In: XAVIER, Antônio Carlos S. *et al.* **Hipertexto e cibercultura**: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. São Paulo: Respel, 2011, p. 27-60.


WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis**: methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 825 p. (Structural analysis in the social sciences, v. 8).


TUDO ao mesmo tempo, agora. **Revista eletrônica Giro Ibope**. Ed. 13, ano 4, abr. a jun. 2009. Disponível em: <<http://www4.ibope.com.br/giroibope/13dedicao/jovens.html>>. Acesso em 20 dez. 2012.

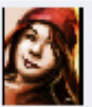
ANEXOS


ues ▾ +1 Adicionar aos amigos

 **Maria** ,hahahahahahaha...farelos é ótimo ta,eu adorei vcs são ótimos, diverti pacas kkkkkkkkk...mais o foda foi q eu e o Rafa estavam animados a sair no sabado só q as meninas durmiram aí desanimamos demais. a gente saiu no sabado uns 40 minutos depois q vcs foram, procuramos vcs mais nada aí quando deu 02:30 fomos embora
10 de julho de 2012 às 12:01 ·  1

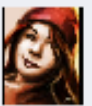
 **Maria** ahhhhhhhhhhhh...até as novinhas de sexta eu e o "farelos" vimos, kkkkkkkkk elas fingiram q nao conhecia a gente, hahahahaha
10 de julho de 2012 às 12:02

 **João** ,kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk...Não devem ter lembrado mesmo,estavam loukas!Kkkk
10 de julho de 2012 às 12:03

 **Maria** me passa seu email, tem duas fotos suas aqui q tenho q pedir dua autorização pra postar, kkkkkkkk
10 de julho de 2012 às 12:04

 **João** ~ kkkk...Num posta nada!
10 de julho de 2012 às 12:04

 **Ana** : eu acho valido postar kkk " que isso novinha. que isso " kkk
10 de julho de 2012 às 12:06

 **Maria** eeee....hehehehehe
10 de julho de 2012 às 12:07

Anexo 1

 **Maria** ·
Precisa-se URGENTE de Professor de Inglês para dar aulas de Inglês Instrumental em um curso para concursos.

Duas horas por semana, na Quinta-feira, de 7h às 9h

Valor por hora: R\$ 70,00

Interessados, manifestem-se! :D

Curtir · · Seguir publicação · Ontem às 01:19

 **Ana** · manifestando! onde é?

há 23 horas · Curtir · 2

 **Ana** · Praça 7

há 23 horas · Curtir

 **Ana** · mariana.redd@gmail.com

há 23 horas · Curtir

 **João** · me manifesto também! lucaslimag@gmail.com

há 21 horas · Curtir

 **Paula** · tá cheia dos bons deal! XD

há 14 horas · Curtir · 2

 **José** · ei ta...

há 13 horas · Curtir

 **Paula** · to precisando dum bom deal desses! hahaah

há 13 horas · Curtir

 **Olga** · gente. q ahazo.

há 4 horas · Curtir

 **Maria** ... nem contra nem a favor hahahahaa
12 de janeiro às 19:09 · Curtir · 1

 **Maria** ... yuri, vulgo miojo HAHAHAAAAH aff
13 de janeiro às 00:24 · Curtir

 **Ana** ... Siim! Até que gostei visse!
13 de janeiro às 08:30 · Curtir

 **Olga** ... cala a boca quero o Justin de sunga na piscina :(((
14 de janeiro às 09:00 · Curtir

 **Ana** ... Oxa! Mas o Justin vc desenterrou né amiga? Kkkkk
14 de janeiro às 09:19 · Curtir

 **Olga** ... mas ele é o amor da minha vida entre outros claro UAHSUAHSUAHUAHUSHUA
14 de janeiro às 09:20 · Curtir · 1

 **Ana** ... Hahahaha ele ainda é casado com a Flávia será?!

 **Ana** ... Hahahaha ele ainda é casado com a Flávia será?!

 **Ana** ... Hahahaha ele ainda é casado com a Flávia será?!

 **Olga...** ... siim eu vi uma entrevista dela esses dias UAHSUAe ela disse que o relacionamento deles nunca deixa de ser intenso e que eles vivem inovando pra nao cair na rotina
14 de janeiro às 09:26 · Curtir

 **Ana** ... Nossa... Que bapho kkkkkk
14 de janeiro às 09:30 · Curtir · 1

Anexo 3

 ooooo SANTA ROSA boa essa!!!!

Curtir · Compartilhar 👍 2 💬 16

 2 pessoas curtiram isto.

 **João** ... Nossa você esta em santa rosa? rrsrrs
24 de outubro de 2011 às 15:29 · Curtir

 **Maria** ... sim meu amor...
24 de outubro de 2011 às 15:30 · Curtir

 **João** ... Nossa aneim que pena porque não estou ai para te ver novamente amiga!!Aneim que triste 😞
24 de outubro de 2011 às 15:32 · Curtir

 **Maria** ... q dia vc vem pra cá?
24 de outubro de 2011 às 15:34 · Curtir

 **João** ... Dia 19 amiga
24 de outubro de 2011 às 15:40 · Curtir

 **Pedro** ... Boa ? fica aqui mais umas 2 semanas pra você ver kkk vai muda de opnião facinho
24 de outubro de 2011 às 15:45 · Curtir

 **Maria** ... só vc mesmo GUILHERME...
24 de outubro de 2011 às 15:50 · Curtir

 **Pedro** ... :kkkk
24 de outubro de 2011 às 15:50 · Curtir

Anexo 4

Maria
Acabei de descobrir, lendo meu próprio currículo, que sofro de esquizofrenia acadêmico-artística. Mel Dels, que currículo maluco!

Curtir · Comentar · Compartilhar · há 6 horas ·

4 pessoas curtiram isto.

João Edético, amiga... Currículo edético...
há 5 horas · Curtir

Anexo 5

Maria
3 de julho de 2012 próximo a Belo Horizonte

Pessoal....vamos marcar nosso jogo esse final de semana?? o que vcs acham?? **An, Joana, Cláudia, Paula, Olga, Antônio, Maria Eduarda, Augusta, Marcela, Fernanda, Patrícia, Joaquina**, e demais....que tal no domingo de manha?

Curtir · Comentar · Compartilhar 3 29

3 pessoas curtiram isto.

Ana pra proxima semana!!!eu ainda nao to em ob!
3 de julho de 2012 às 22:05 · Curtir

Joana Não vou tá em Ob não ana.
3 de julho de 2012 às 22:05 · Curtir

Cláudia tb nao vou estar em ob!
3 de julho de 2012 às 22:06 · Curtir

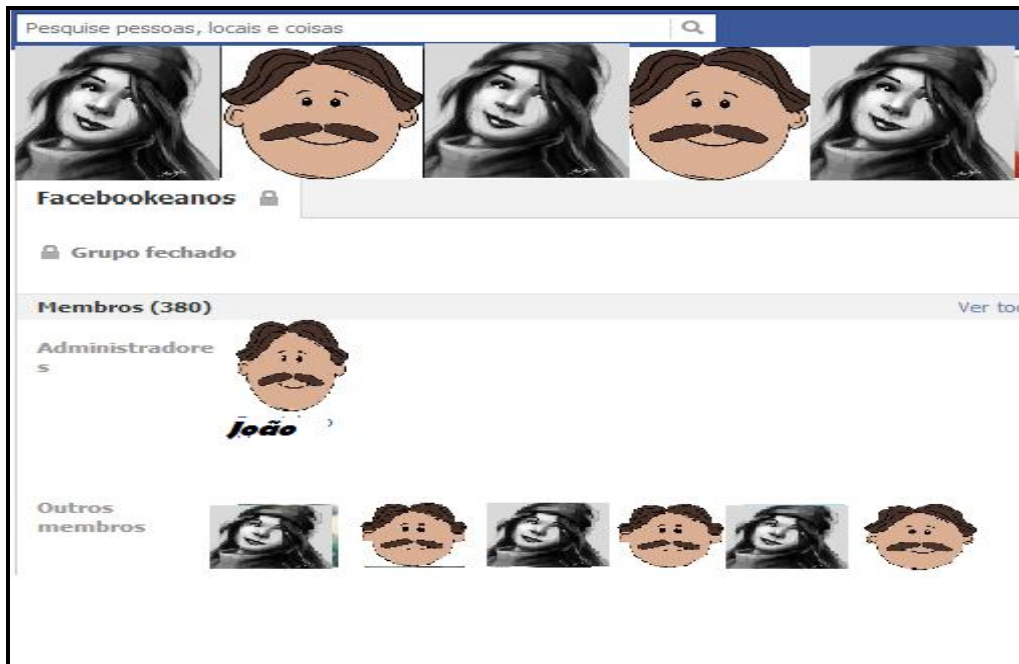
Paula troll
3 de julho de 2012 às 22:06 · Curtir

Antônia : Fuuuroooo rsrs ana sexta ta de pe ne?? Me manda teu numero por msgm
3 de julho de 2012 às 22:41 via celular · Curtir

Olga Meninas.. Nao estarei por ai.. Que pena.. So estarei em ob na ultima semana..

3 de julho de 2012 às 23:21 via celular · Curtir

Anexo 6



Anexo 7



Anexo 8

"Final, há é que se ter paciência, dar tempo ao tempo, já devíamos de ter aprendido, e de uma vez pra sempre, que o destino tem que fazer muitos rodeios para chegar a qualquer parte."

J. G. Rosa

Curtir · Comentar 👍 2 💬 8

👍 Dani Silveira e Mariana Mundim curtiram isso.


 **Ana** ... Lindo!
8 de novembro de 2012 às 12:02 · Curtir · 🍷 1

 **Maria** ... pq eu não consigo falar com vc???? Estou ligando e mandado msgs a horas
8 de novembro de 2012 às 15:37 · Curtir

 **Paula** ... ;Thais Fernanda Brandão, vc n conseguiu falar cmgo simplesmente pq eu tava revisando um documento de 143 pgs! Kkkkkkk! E vc venceram: X
eu vou, + 10hs tenho q estar dentro d ksa. E vamos fazer uma troca: eu n estudo hj e domingo vc faz a prova pra mim! Kkkkkkkkkkkkkkk
Vcs são d+! Ruun! 😞
8 de novembro de 2012 às 15:40 via celular · Curtir

 **Maria** ... kkkkkkk. Oh Amiga q lindo!!!! Uhuuu. Acho melhor n me pedir para fazer sua prova não... Vai ter alguma materia de direito? Se tiver te ajudo...kkkkk
8 de novembro de 2012 às 15:41 · Curtir

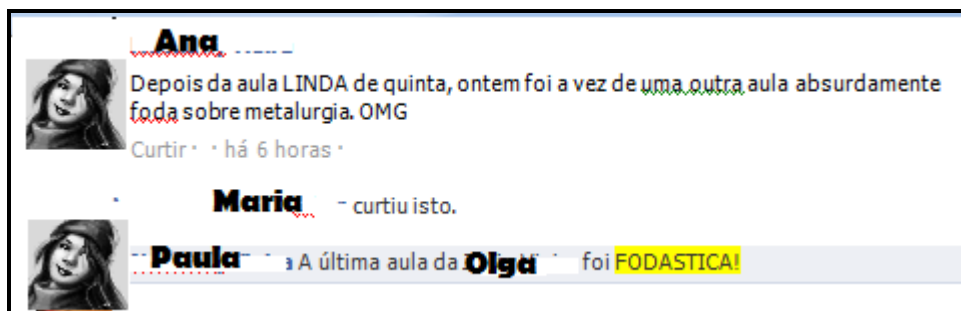
Anexo 9

 **Ana** ...

Povo facebokeano: alem de educadora, performer, provocadora, tutora, leitura, corretora sou também CONSULTORA NATURA (diversão extra para pagar as minhas extravagâncias de grávida) Sempre com um descontinho amigo, se alguém precisar de algo é só avisar! (pedidos via mensagem inbox)

há 42 minutos · Curtir · 7

Anexo 10



Anexo 11



Anexo 12

Visualizar comentários anteriores 6 de 2.953

Maria
 FELICIDADESSSSSSSSSSSSSS SZ
<http://www.youtube.com/watch?v=kC8jHj9iq6c>

 **Bia Brilha/ canta musica arrocha que ela gosta**
 Bia canta musica da dupla Kaio e Bruninho Arrocha que ela gosta

alguns segundos atrás · Curtir

Ana lindos, feliz 2013.
 alguns segundos atrás · Curtir

Antônia Que bom, sua voz voltou. beijos.
 alguns segundos atrás · Curtir

Olga muita paz
 alguns segundos atrás · Curtir

Paula lindos adoro vo6 dois
 alguns segundos atrás · Curtir

João Luciano vc é d+. Feliz 2013 para vc 'FAMÍLIA.
 alguns segundos atrás · Curtir

Escreva um comentário...

Anexo 13

Maria Uai Kd os cutucas de plantão?
 26 de Fevereiro às 07:31 · Curtir

Anexo 14

essoas, locais e coisas

#principe#Gabrielzinho!



Curtir · Comentar · Compartilhar · há 18 minutos · 2

3 pessoas curtiram isto.


 ! Milagre ele de bom humor haha lindos demais!! 😊
há 16 minutos via celular · Curtir · 1


 Hoje ele tava muito tchucco!kkkk
cada foto mais linda,vo selecionar algumas aqui e ponho,pq colocar
tudo fica chato!kkkkkkk
obrigada!=D
há 13 minutos · Curtir · 1

 :hahaha parece mesmo, ta com uma carinha de
fofoo!! Demorooo haha depois quero ver! 😊 nadaa!
há 12 minutos via celular · Curtir

 Escreva um comentário...

Anexo 15

 **Antônia** · Perdi o namorado por uns tempos, mas assim que ele vier aqui
podemos fazer um festival oriental.
22 de Março às 15:30 · Curtir 2

 **Otávio** FDS provavelmente ficaei forever alone aqui no barraco...
Ertão, por precaução, comprei lenços e verei o filme.. Estou precisando ver algc
mais emocionante do que minha diuturnidade (ver a grama crescer)
22 de Março às 15:30 · Curtir · 1

Anexo 16

facebook  Pesquise pessoas, locais e coisas   **Maria** Pág

 **Ana**  

...nigina para receber a transmissão do trabalho da Unidade Belo Horizonte iniciado em 2007. O objetivo é prosseguir, apropriar, expandir o trabalho e continuar esta ação com toda a personalidade e potencia de nosso território mineiro.

E é com muito hahaha que j...Ver mais

Curtir · Comentar · Compartilhar

 **Ana**  9 de janeiro 

E na revista Piauí de janeiro ... Orquestra Mineira de Brega e seu concurso de cartas de amor!



AMAR, VERBO RIDÍCULO
Mineiros enamorados disputam quem escreve a carta mais romântica

A voz mais quente do rádio mineiro, companhia das almas solitárias que erram pelas madrugadas belo-horizontinas, entrou em cena mais uma

Vade retro, Almas Avariadas
O lugar de Nostalgia
A cidade do momento
Distante do Brasil
Entrou arica
Mãe e pecadora

Curtir · Comentar

 **Joana, Redro, Antônio, José** e outras 12 pessoas curtiram isso.

 **Paula** Beautiful this! You ter que compartilhar...
12 de janeiro às 07:23 · Curtir

 **Ana** a vontade, o Braga agradece!
12 de janeiro às 07:26 · Curtir ·  1

 **Olga** z Mto verdade, sabe? nos q agradecemos o braga.
12 de janeiro às 09:30 via celular · Curtir

 **Ana** Te vi no shops hj!! Tem fiat bonita na promo???
Precisandooo . Bjb
12 de janeiro às 09:40 via celular · Curtir ·  1

 **Olga** z Tem! Sapatilha ou rasteira? Tem os dois, te mando fotos amanha! 😊 que numero eh?
12 de janeiro às 09:43 via celular · Curtir

 **Ana** 37!! Que gentil!!!
12 de janeiro às 09:53 via celular · Curtir ·  1

 **Olga** : Mandarei! 😊
12 de janeiro às 10:23 via celular · Curtir

 Escreva um comentário...

P B M W n S D

Pesquise pessoas, locais e coisas



Não sabe o que fazer com a água de azeitonas e conservas? Joga no rola: um acessório para servir aperitivos de um jeito muito legal! #DesignForFood

Don't know ...
Ver mais

Curtir · Comentar · Compartilhar · há ± 1 hora ·

Olga : curtiu isto.

João Só achei paia ser um ralo de banheiro. Hahahaha..
há ± 1 hora · Curtir · 4

Maria t ai... mas é igual ao ralo aqui de casa... :S
há ± 1 hora · Curtir

Ana Tbm ahcei. Aideia e boa, mas se desenvolver...
que sabe?
há ± 1 hora · Curtir

João Um as gerações de alternativa aí fica filé.
há ± 1 hora · Curtir · 1

Ana Vou abrir uma empresa que faça gerações de
alternativa para designers! aushauhs Vou ficar rYca!
há ± 1 hora · Curtir

Anexo 18

Maria Qual é o bapfo da vez?? Hahah
sábado às 10:11 · Curtir 3

Pedro É sério ou piadinha do face?
sábado às 10:45 · Curtir · 4

Anexo 19



Anexo 22



Anexo 23

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas María

João Linha do tempo **Setembro** ✓ Curtiu

8 de Setembro via celular

NO AR #caldeirão

Curtir · Comentar · Compartilhar 21.016 3.469 194

João 8 de Setembro via celular

Facebooklândia!!! Daqui a pouco tem #Caldeirão. Espero todos vcs. Tem um #lardocelar que esta mega especial. Inspirador. Até já. 16h.

Curtir · Comentar · Compartilhar 24.811 2.182 231

João 4 de Setembro

E MUITO obrigado pelas inumeras mensagens de parabens!!! Mesmo!!! É um conforto que vcs não imaginam!!! Muito bjs a todos!!!

Curtir · Comentar · Compartilhar 53.825 10.887 354

João 4 de Setembro compartilhou um link.

8 de Setembro via celular

O #Caldeirão começa precisamente as 15:51h!!! Espero vcs!!!! Hoje o programa esta muito especial!!!! Não me abandonem.....hehehe.

Curtir · Comentar · Compartilhar 29.160 4.067 230

João 7 de Setembro compartilhou um link.

Os caras da Porta dos Fundos acabaram criando um programa semanal de humor na web. E o melhor, alem de engraçado é diferente do que existe por ai...muito bacana mesmo. Dei boas risadas.... <http://t.co/KTM2g9bY> Me falem se gostam tb ou se se eu achei graça. ;)

PORTA DOS FUNDOS Nº 2

SEGUNDO programa da PORTA DOS FUNDOS!!! (Toda primeira segunda-feira do mês) Inscreva-se no nosso canal pra receber os novos vídeos que vamos lançar todas as...

👤 Bate-papo

Anexo 24

facebook  Pesquise pessoas, locais e coisas



Paula há 43 minutos · 

"Movimento migratório para o Brasil". Jamais pensei que fosse esse o tema deste Enem!!!

Curtir · Comentar · Seguir (desfazer) publicação

  **Cláudia, Mariana, Augusto, Zé** e outras 5 pessoas curtiram isso.

 **Ana** : Eu acerteeee! 😊
há 42 minutos via celular · Curtir (desfazer) ·  3

 **Maria** : Nem cogitei... mas eu nunca acerto mesmo...
há 41 minutos · Curtir

 **Paula** Então vc tá boa de pitaco, viu, **Ana** !!! Nem me passou pela cabeça!
há 41 minutos · Curtir ·  1

 **Paula** Po, um monte de gnt me perguntou.... e olha só!!! Fiquei surpresa! Mas é um bom e difícil tema!!!
há 39 minutos · Curtir

 **Pedro** Xopin Oi... dá uns rolé lá
há 3 minutos · Curtir (desfazer) ·  1

 Escreva um comentário...

Status  Adicionar foto/vídeo

No que você está pensando?

CLASSIFICAR ▾

 **Joana**
PESSOAL, ACABO DE SER ASSALTADA.
Levaram o meu celular. Três homens armados entraram no ônibus e renderam todo mundo.
Perdi o contato de TODOS vocês.
Curtir · Comentar · Compartilhar · há 2 minutos próximo a Belo Horizonte · 🌐

 **Maria** Tudo bem com vc??? Que saco, hein??? Tá ficando difícil essa vida!
há ± um minuto · Curtir

 **João** ; tudo bem ai? o meu vc tem? tem no meu **jeoco** aqui. ✕
alguns segundos atrás · Curtir

 Escreva um comentário...

 **Olga**
Indo pra Facul
Curtir · Comentar · há 2 minutos próximo a Sabará · 🌐

Anexo 26

 **Ana**
há 3 horas próximo a Belo Horizonte · 🌐

E eu, que agora sou amiga de Facebook do Marcos Bagno? Há.

Curtir · Comentar

 | **Antônia, Zé** e outras 2 pessoas curtiram isso.

 **Pedro** · Tomás Bagno, viu **Ana**
há 2 horas · Curtir · ↻ 1

 **Ana** .. Trocadinhos do **Pedro** desde 2004 sempre vindo a calhar. 😊
há 2 horas · Curtir

 **Pedro** .. rsrs... É mais forte que eu... Preciso me conter!
há 2 horas · Curtir · ↻ 1

 **Pedro** .. rsrs
há 2 horas · Curtir · ↻ 1

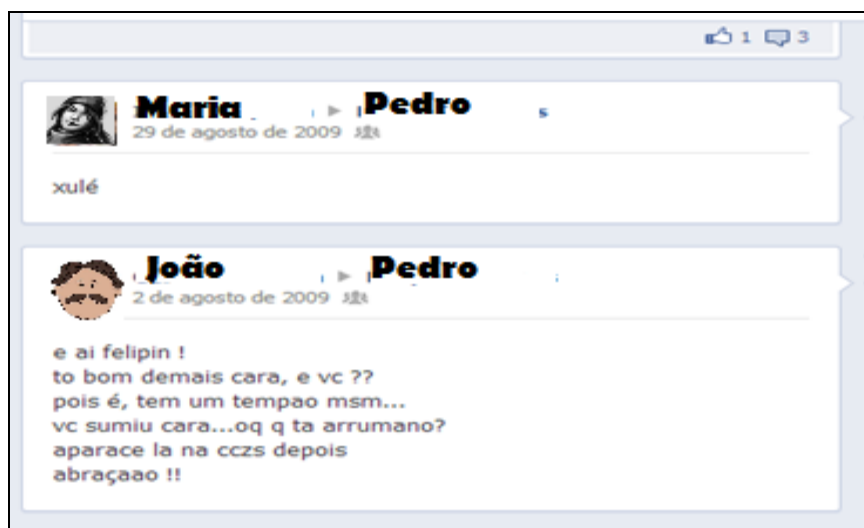
 **Maria** · E eu que ri do trocadilho? Hahahaha
há 2 horas · Curtir · ↻ 1

 Escreva um comentário...

Anexo 27



Anexo 28



Anexo 29



Anexo 30



Anexo 31



Anexo 32

facebook  Pesquise pessoas, locais e coisas

 **Mãriq** · Linha do tempo ▾ 2011 ▾ Destaques

 24 de novembro de 2011 às 02:04 · Curtir

 **João**
24 de novembro de 2011 às 02:04 · Curtir

 **João** · kkkkkkkkkkkk
24 de novembro de 2011 às 02:04 · Curtir

 **Mãria** · Ah Patrick, ano passado eu fui de pista .. uma bagunça pra pegar bebida, muuuito longe do palco, uma barrela danada, nao tinha lugar pra senta, mta desorganizado a pista! mais pra vcs que vao pra zuar mesmo, ta otimo sendo open bar ne hahaha!
24 de novembro de 2011 às 02:05 · Curtir ·  2

 **Pedro** ·  23
24 de novembro de 2011 às 02:05 · Curtir

 **Mãria** · Puuuuuuts! ao longoo da festa, ate 7 hrs da manha, eu bebo! hahahahaha e vo pro hospital direto, Né Gabriel pagode ?! kkkkk
24 de novembro de 2011 às 02:07 · Curtir

 **João** · pode beber por laa
24 de novembro de 2011 às 02:08 · Curtir

 **João** · leva as garrafa e pá
24 de novembro de 2011 às 02:08 · Curtir

 **Paulo** · sim sim, curti um Fernando e Sorocaba de boa, X CHAAAAAAAAAAAAAPAR OS COCO, de boassa
24 de novembro de 2011 às 02:09 · Curtir

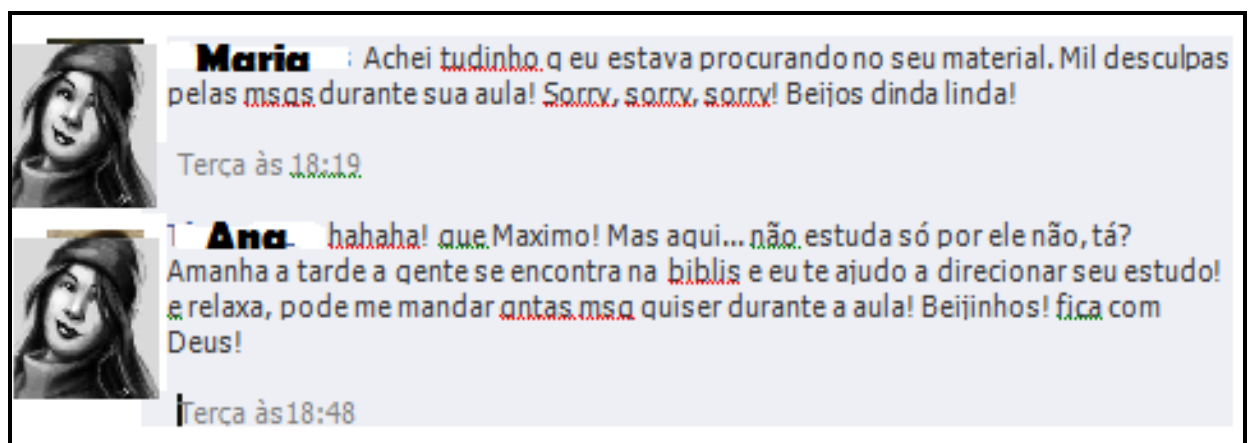
 **Augusto** · Você vai vomitar pra caralho ! E vai pagar caro tambem nas doses hahahahah
24 de novembro de 2011 às 05:20 · Curtir

 **Otávio** · Kkkkkkkkk... Vc vai entrar em coma alcoolico !!
24 de novembro de 2011 às 10:40 · Curtir

 **Ana** · Credo amiga vo passa reveion com vc nao!



Anexo 39



Anexo 40